

Santo Agostinho

Contra A Mentira

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

Contra a mentira

Para Consêncio

Santo Agostinho

Introdução¹

Escrevi um livro sobre a mentira. Mesmo que ele exija algum esforço para ser compreendido, ele pode ser um útil exercício à mente e ao intelecto e também ser vantajoso para os costumes, fazendo com que seja amada a sinceridade no falar.

Eu tinha me decidido retirar este livro de minhas obras, porque ele é obscuro e cheio de sinuosidades. Ele me parecia insustentável e então eu não o publiquei.

Mais tarde, quando escrevi outro intitulado **Contra a mentira**, eu muito mais decididamente tinha resolvido destruí-lo.

Isto não foi feito e eu o encontrei são e salvo, por ocasião da revisão de minha obra. Então, após tê-lo revisto, decidi que ele sobreviveria. Há nele, de fato, coisas muito necessárias e que não estão no outro.

O título deste último é **Contra a mentira** e o título do primeiro é **Sobre a mentira**. Aquele é inteiro um combate aberto à

¹ Das *Revisões*. Livro I, cap. XXVII.

mentira e este é uma pesquisa e uma discussão. O objetivo, no entanto, dos dois, é o mesmo.

Esta obra começa assim: “Você me enviou muitos escritos, Consêncio, irmão caríssimo”.

Capítulo 01

Apresentação

Você me enviou muitos escritos, Consêncio, irmão caríssimo. Muitas coisas para ler e, enquanto eu preparava minha resposta, envolvido com muitas outras ocupações urgentes, o tempo passou e me vi desesperado e forçado a escrever de qualquer maneira, para não reter por mais tempo o mensageiro que tinha urgência em partir, para aproveitar um tempo favorável à navegação.

Depois de ter examinado, lido por inteiro e refletido o mais cuidadosamente possível tudo o que Leonas, o servidor de Deus, me trouxe de sua parte, primeiramente, no momento em que o recebi e depois, quando me dispus a responder, eu gostei singularmente do seu estilo, sua linguagem, seu conhecimento das santas escrituras, a argúcia do sua mente, a dor que lhe provoca censuras aos católicos mornos e o zelo que lhe provoca irritação contra os heréticos secretos.

Mas, não estou convencido de que devemos, com a ajuda da mentira, descobrir pessoas que se escondem sob o véu da mentira.

Por que, de fato, tomamos tanto cuidado, dedicamos tanto interesse em descobri-los, em seguir suas pistas, senão para surpreendê-los, para expô-los, depois lhes ensinar a verdade ou impedi-los, com o próprio brilho da verdade, de prejudicar outros, ou seja, destruir sua mentira, ou nos mantermos em guarda contra eles e melhor fazer brilhar a verdade divina?

Como então nos arrogamos o direito de corrigir a mentira com a ajuda da mentira? Devemos também corrigir a bandidagem com a bandidagem, o sacrilégio com o sacrilégio, o adultério com o adultério?

Se a verdade de Deus brilha ainda mais para a sua glória por minha mentira², diremos também: Por que não faríamos o mal para que dele venha o bem³?

Você vê bem até que ponto o Apóstolo detesta este proceder, pois, mentir para atrair para a verdade os heréticos mentirosos, não é o mesmo que dizer: *Por que não faríamos o mal para que dele venha o bem?*

Pois bem! A mentira às vezes é um bem ou às vezes ela deixa de ser um mal? Por que então está escrito: *Detestais a todos os que praticam o mal, fazeis perecer todos aqueles que mentem⁴?*

² Romanos 3: 7.

³ Romanos 3: 8.

⁴ Salmo 5: 6 e 7. *Odisti omnes qui operantur iniquitatem ; perdes omnes qui loquuntur mendacium.*

O Salmista não exclui ninguém. Sua linguagem é precisa e ele não diz: *fazeis perecer aqueles que mentem*, deixando lugar a exceções, mas ele diz, de uma maneira absoluta e universal: *fazeis perecer “todos” aqueles que mentem*.

E por que ele não diz: “Fazeis perecer aqueles que proferem *toda* espécie de mentira” ou “que proferem uma mentira *qualquer*”, devemos acreditar que ele permite excluir alguma espécie de mentira; que Deus não faz perecer aquele que a profere; que ele só faz perecer aqueles que proferem uma mentira capaz de fazer mal ao próximo e não a todo tipo de mentira, já que haveria justos que se deveria mais louvar do que censurar?

Capítulo 02

Os priscilianistas defendem sua opinião com o apoio das Escrituras.

Você não vê o quanto esta discussão favorece aqueles que perseguimos e tentamos capturar como grandes presas, com nossas mentiras? Pois esta é, como você mesmo demonstrou, a opinião dos priscilianistas.

Eles se apoiam em textos das Escrituras. Eles exortam seus adeptos a mentir de acordo com os exemplos dos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos e dos anjos. Eles não hesitam nem mesmo em invocar o exemplo de Jesus Cristo. Eles não acreditariam po-

der dar à sua mentira a aparência de verdade, se eles não apresentassem a própria Verdade como culpada de mentira.

Esta é uma opinião a ser refutada e não adotada. Não devemos compartilhar com os priscilianistas um erro que os coloca abaixo de todos os outros heréticos.

Eles são os únicos __ ou, pelo menos, os primeiros __ a pregar a mentira para esconder sua suposta verdade e a justificar esse erro monstruoso dizendo que é preciso conservar a verdade em seu coração, que não é pecado dizer mentiras a estranhos e que este é o sentido destas palavras: *Quem diz a verdade em seu coração*⁵, como se uma mentira proferida pela boca estivesse suficientemente justificada porque ela é dirigida a um estranho e não ao próximo!

É por isso que eles afirmam também que o Apóstolo, após ter dito: *Por isso, renunciad à mentira*, ele se apressa em acrescentar: *Fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros*⁶. Por consequência, seria permitido e até mesmo ordenado mentir para aqueles que não são nossos próximos na profissão da verdade e que não são, por assim dizer, membros do mesmo corpo.

⁵ Salmo 14: 3. *Qui loquitur veritatem in corde suo.*

⁶ Efésios 4: 25.

Capítulo 03

O erro dos priscilianistas ofende todo martírio.

Esta opinião desonra os santos mártires e faz até mesmo desaparecer a noção de martírio.

Segundo os priscilianistas, de fato, os mártires agiriam mais convenientemente e mais sabiamente não confessando aos seus perseguidores que eles eram cristãos, evitando com isso se tornarem homicidas. Ao mentirem, pelo contrário, renegando sua fé, eles teriam salvado ao mesmo tempo seus corpos e as boas disposições de seu coração e impedido seus inimigos de executar seu criminoso propósito.

Não sendo os pagãos seus próximos na fé cristã, eles não eram obrigados, portanto, a lhes dizer com a boca a verdade que professavam em seus corações. Eles até mesmo viam neles os inimigos dessa verdade.

Se Jeú __ que esses heréticos parecem sobretudo propor como modelo de sábio e hábil mentiroso __ se declarou falsamente servidor de Baal, para levar à morte os servidores dessa divindade⁷, com muito mais razão, segundo essa opinião perversa, os servidores de Cristo deveriam, no tempo das perseguições, fingir serem escravos dos demônios, para impedir os escravos dos de-

⁷ Cf. 2 Reis 10: 18 e 19.

mônios de levarem à morte os servidores de Cristo e sacrificar aos ídolos, para poupar mortes, como Jeú sacrificou a Baal para se tornar homicida.

Que erro teriam cometido, segundo esta bela doutrina de mentirosos, colocando seus corpos a serviço do demônio, enquanto seus corações permaneciam fiéis a Deus?

Mas não foi assim que os verdadeiros, que os santos mártires de Cristo compreenderam o Apóstolo. Eles tinham lido e apreendido o que estava escrito: *É crendo de coração que se obtém a justiça e é professando com palavras que se chega à salvação*⁸. E também: *Em sua boca não se achou mentira, pois são irrepreensíveis*⁹. Eles se tornaram irrepreensíveis porque não terão mais que se manter vigilantes contra os mentirosos, pois na morada celeste não haverá próximos e nem estranhos capazes de mentir.

Mesmo que as Escrituras não tivessem dito que tipo de pessoa era Jeú, eles não o teriam imitado, procurando, por meio de uma mentira ímpia e um sacrifício sacrílego, levar ímpios e sacrílegos à morte. Mas, como está escrito que ele não tinha um coração correto perante Deus, de que lhe valeu ter recebido um reino temporal, uma efêmera recompensa de obediência que ele usou para destruir a casa de Acab, demonstrando uma enorme ambição temporal?

⁸ Romanos 10: 10.

⁹ Apocalipse 14: 5.

Eu te exorto, meu irmão, a defender a conduta dos mártires, que foi inspirada pelo amor à verdade e a sustentar a verdade e não a mentira contra os doutores da mentira.

Reflita maduramente sobre o que eu acabo de dizer, eu te peço e você verá o quanto é preciso desconfiar de um zelo __ talvez louvável, mas, no entanto, imprudente __ que ensina um meio assim para descobrir e corrigir os ímpios ou, pelo menos, para se manter em guarda contra eles.

Capítulo 04

A mentira é imprópria para os católicos.

Há muitas espécies de mentiras e devemos abominar todas sem exceção, pois não há uma só que não seja contrária à verdade.

A verdade e a mentira são opostas como a luz e as trevas, a piedade e a impiedade, a justiça e a injustiça, uma boa e uma má ação, a saúde e a doença, a vida e a morte. Na mesma medida em que amamos a verdade, devemos odiar a mentira.

No entanto, há mentiras que não são perigosas para serem acreditadas. Todavia, aqueles que as proferem com a intenção de enganar, causam um dano a eles mesmos, mas não àqueles que acreditam nelas.

Por exemplo, se o servidor de Deus, Fronto, misturou algumas mentiras (Deus o livre disso!) a tudo o que ele contou, ele

prejudicou a ele mesmo, mas não a você que teria inocentemente acreditado que a história dele era totalmente verdadeira. Neste caso, se a coisa se passou de uma ou de outra maneira, aquele que acredita que a história tenha se passado assim ou de outra maneira, não pode ser julgado digno de censura, segundo as regras da verdade e da doutrina da salvação eterna.

Mas, se a mentira é de uma natureza tal que não se pode acreditar nela sem se afastar da doutrina de Cristo, aquele que a profere é tão culpado quanto é infeliz aquele que acredita nela.

Observe então o que seria se mentíssemos contra a doutrina de Cristo e provocássemos assim a morte daqueles que acreditassem em nós e fazendo isso com o objetivo de descobrir os inimigos dessa mesma doutrina e atraí-los para a verdade, ao mesmo tempo em que nos afastamos dela. Ou então, se para conquistar mentirosos através de mentiras, nós os ensinássemos a mentir de uma maneira mais criminosa!

Uma coisa é o que eles dizem quando eles mentem e outra coisa é o que eles dizem quando se enganam. Quando eles ensinam sua heresia, eles proclamam o erro que lhes foi ensinado, mas quando eles dizem que pensam o que não pensam ou que não pensam o que pensam, eles proferem uma mentira.

Os que acreditam em suas palavras, se não são conquistados para a fé, também não perecem com eles. Não é se afastar da fé

católica acreditar que é católico um herético que professa dogmas católicos sem acreditar neles. Consequentemente, não há um dano aqui, porque não há um equívoco com relação à fé em Deus, que deve ser conservada íntegra, sem a apreciação da intenção do próximo, que não se pode julgar, por estar oculta.

Mas, quando eles ensinam sua heresia, aquele que a admite e acredita que ela seja verdadeira, participa de seu erro e de sua condenação. Daí resulta que, quem acredita em ensinamentos perversos, cujo erro os seduziu, perece. Quando pregamos a doutrina católica, pela qual possuímos a verdadeira fé, se um desses heréticos acredita nela, ele é arrancado da morte.

Quando, então, embora priscilianistas, eles se dizem falsamente dos nossos, para esconder seu veneno, aquele dos nossos que acredita nessa afirmação mentirosa, permanece, no entanto, católico, mas se, pelo contrário, para conseguir descobri-los, nós nos declaramos falsamente priscilianistas, seremos obrigados a aprovar seus dogmas como se eles fossem os nossos e aquele que der fé nisso será confirmado cada vez mais em seu erro ou será pressionado a adotá-lo.

O que acontecerá em seguida? Nós nos salvaremos mais tarde, dizendo a verdade àqueles que foram enganados por nossas mentiras? Eles gostarão de ouvir um mestre que conheceram por

experiência própria como um mentiroso? Está certo isto? Quem não vê que isto está errado?

Daí eu concluo que é mais pernicioso __ ou, para suavizar o termo, mais perigoso__ para os católicos mentirem para descobrir os heréticos do que os heréticos mentirem para escapar dos católicos. A razão disto está em que aquele que acredita nos católicos que mentem para sondá-lo se torna herético ou se afirma em sua heresia, enquanto que todo católico que dá fé aos heréticos, se abrigando sob o véu da mentira, não deixa de ser católicos.

Para melhor esclarecer a questão, façamos uma suposição tirada em grande parte dos escritos que você me enviou e encarregou de ler.

Capítulo 05

Imaginemos agora um interrogatório.

Imaginemos diante de nós um hábil investigador. Ele se aproxima de um indivíduo que ele suspeita ser priscilianista.

Ele começa por fazer um elogio mentiroso ao Bispo Dictínio, de sua conduta se ele a conheceu, de sua fama se ele não o conheceu. Até aí, tudo bem, porque se supõe que este, de quem se fala, foi católico e que se arrependeu do erro em que havia caído.

Ele fala em seguida de Prisciliano (a arte de mentir requer esta gradação), desse ímpio, desse abominável, condenado por seus crimes e sua negra vilania.

Estas homenagens prestadas à sua memória afirmarão certamente, nessa doutrina, o priscilianista a quem se arma uma cilada, se por acaso ele estivesse vacilante até então.

Avançando em seu discurso, ele dirá que tinha piedade daqueles que o autor das trevas envolveu com uma noite tão profunda que eles não conhecem nem mesmo a dignidade de sua alma e a nobreza de sua origem celeste.

Feito isto, ele falará da obra de Dictínio intitulada **Libra**, porque ela contém doze questões, como a libra contém doze onças. Ele fará dela um magnífico elogio e atestará que **Libra**, cheia de horríveis blasfêmias, é para ele um tesouro mais precioso do que milhares e milhares de libras de ouro.

Evidentemente que uma mentira astuciosa assim dá à alma que acredita nela o golpe mortal ou se ela já o recebeu, a mergulha, a afunda nas trevas da morte.

Mas, dirão, em seguida virá a retratação. E se isto não acontecer, seja por causa de um obstáculo que surja e impeça o sucesso da empreitada, seja por causa da obstinação própria ao herético, que se retrata em seguida das confissões que havia começado a fazer?

O que fazer então? Se o herético percebe que lhe armaram uma armadilha, ele colocará ainda mais audácia na ocultação de suas opiniões, através de mentiras que seu tentador lhe terá ensinado melhor, com seu próprio exemplo, que se pode fazer impunemente. Com que cara nós o censuraríamos por mentir para esconder a verdade, quando nós lhe demos essa lição?

Capítulo 06

Aqueles que seguem a crença dos priscilianistas sobre a mentira se afastam da verdade.

Resta-nos então condenar, sem hesitação e com uma piedade sincera, tudo o que os priscilianistas, em sua falsa e criminosa heresia, pensam de Deus, da alma, do corpo e de outros assuntos e admitir, em comum com eles (Deus nos livre disso!), que é permitido mentir para esconder a verdade?

Ora, isso seria um mal tão grande que, mesmo que a mentira pela qual procuramos conquistá-los e mudá-los obtivesse um resultado completo, o benefício não compensaria o dano que nos infligiríamos, bem como a eles, ao nos pervertermos para corrigi-los.

De fato, com essa mentira, nós estaríamos meio pervertidos e eles meio corrigidos, já que não destruiríamos neles a opinião errônea de que se pode empregar a mentira para esconder a verda-

de, visto que nós lhes ensinaríamos, lhes faríamos vê-la como necessária para conseguir corrigi-los.

Ora, nós não corrigimos pessoas que nós não curamos do procedimento doloso pelo qual elas acreditam poder esconder a verdade. Mas nós nos deterioramos, ao procurar conquistá-las utilizando o mesmo procedimento. Nós nos privamos de todos os meios de acreditar em sua conversão, já que mentimos para eles no tempo de sua perversão.

Temos que temer que eles façam, quando forem conquistados, o que fizemos com eles para conquistá-los. Primeiro, pelo hábito; depois, porque, ao virem a nós, encontrarão estabelecido o que eles mesmos já praticavam.

Capítulo 07

Com uma mentira se retira a credibilidade de toda a doutrina.

E, o que é pior, sendo dos nossos, eles terão perdido todo motivo para ter confiança em nós.

De fato, se eles chegam a suspeitar que nós falsificamos os dogmas católicos, para lhes esconder algo que nós acreditamos verdadeiro, você lhes dirá, sem dúvida: “Faço isso para conquistá-los”.

Mas, o que você responderá, quando lhe replicarem: “Mas então, como posso saber se você não está fazendo isto neste momento, para que eu mesmo não conquiste você?”

A quem convencerá que a pessoa que mente para conquistar não mente para não ser conquistada?

Você percebe até onde vai esse mal? Não apenas nos torna suspeitos para eles e eles a nós, como faz também com que todo irmão, justamente, se torne suspeito para seu irmão.

Desta forma, procurando, com a mentira, ensinar a fé, destruimos toda espécie de fé, pois, se é permitido falar contra Deus mentindo, onde estará uma mentira tão criminosa que devemos evitar como um ato de vilania?

Capítulo 08

A mentira é mais grave nos católicos do que nos heréticos.

Veja agora o quanto a mentira dos priscilianistas é menos dolosa do que a nossa, quando eles sabem que disfarçam seu pensamento; eles, que pretendemos libertar, com nossa mentira, dos erros que os seduziram.

O priscilianista diz que a alma é uma parte de Deus, de mesma natureza e mesma substância que ele. Isto é uma grande e abominável blasfêmia, pois, seguir-se-ia daí que a natureza divina

estaria encarcerada, jogada, enganada, perturbada, desonrada, condenada e entregue aos suplícios.

Mas, se alguém deseja, com a mentira, arrancar uma pessoa de um erro desses, dizendo a mesma coisa, vejamos a diferença que há entre esses dois blasfemadores.

Uma diferença grande, você diz, pois o priscilianista acredita no que ele diz e o católico diz sem acreditar. Um blasfema, então, inconscientemente e o outro com conhecimento de causa. Um fala contra a ciência e o outro contra sua consciência. Um é suficientemente cego para acreditar no que é falso, mas tem, pelo menos, a intenção de dizer a verdade. O outro conhece a verdade em segredo, mas expressa voluntariamente o erro.

Mas, você diz, o primeiro ensina para atrair partidários para seus erros e suas loucuras e o segundo emprega a linguagem para salvar as vítimas do erro e da loucura.

Eu já mostrei acima o grande dano que pode resultar do que se espera que seja um benefício. Mas, tomando a questão sob o ponto de vista do mal atual, pois o bem que o católico se propõe na conversão do herético é incerto, qual dos dois é mais culpado: aquele que engana uma pessoa sem saber ou aquele que blasfema Deus com conhecimento de causa?

Evidentemente que a resposta é inquestionável, para aquele que, em sua pia solicitude, coloca Deus acima do ser humano.

Além disso, se for preciso blasfemar Deus para conseguir que as pessoas o louvem, não há dúvida de que nossa doutrina e nosso exemplo as convidam, ao mesmo tempo, a louvá-lo e a blasfemá-lo, já que, se conseguíssemos, blasfemando Deus, levá-las a louvar Deus, elas aprenderão de nós, não apenas a louvá-lo, mas também a blasfemá-lo.

Aí está o serviço que prestamos àqueles que nós arrancamos da heresia blasfemando, não por ignorância, mas conscientemente.

Enquanto o Apóstolo entrega pessoas a Satã, para que elas aprendam a não blasfemar¹⁰, nós nos esforçaríamos para arrancar pessoas de Satã, para ensinar-lhes a blasfemar, não por ignorância, mas com conhecimento de causa. E nós, seus mestres, nos provocaríamos o dano imenso de nos tornarmos blasfemadores de Deus (o que é algo certo) para conquistar heréticos. Quanto à intenção de instruí-los na verdade e assim libertá-los do erro, a coisa é de todo incerta.

Capítulo 09

O grande mal dos heréticos quando eles recorrem à mentira.

Mas, enquanto ensinamos os nossos a blasfemar Deus, para fazer com que os priscilianistas acreditem que eles são seus parti-

¹⁰ Cf. 1 Timóteo 1: 20.

dários, examinemos um pouco o mal que fazem os priscilianistas, quando eles mentem para que acreditemos que eles são dos nossos.

Eles anatematizam Prisciliano e juram odiá-lo, de acordo com nossos desejos. Eles dizem que a alma não é uma porção de Deus, mas sua criatura. Eles rejeitam com horror os falsos mártires dos priscilianistas. Eles exaltam os bispos católicos que são despidos, atacados e abatidos por essa heresia e assim por diante.

Mas eis que, mesmo mentindo, eles dizem a verdade. Não que uma coisa possa ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo, mas no sentido de que, mentindo sob um certo ponto de vista, eles dizem a verdade por outro lado, pois, se eles mentem ao se dizerem dos nossos, eles expressam a verdade no que toca à fé católica.

Assim, para não parecerem priscilianistas, eles dizem, mentindo, coisas verdadeiras e nós, para demonstrar o que eles são, não apenas mentimos para parecer ser dos deles, como também enunciamos falsidades que sabemos fazer parte de sua heresia.

Em resumo: quando eles querem se passar como um dos nossos, eles mentem por um lado e dizem a verdade por outro, pois é falso que eles estejam conosco e é verdadeiro que a alma não é uma parte de Deus. E nós, quando queremos fazer com que acreditem que somos um dos deles, mentimos em todos os pontos,

ao dizermos, por um lado, que somos priscilianistas e, por outro, que a alma é uma parte de Deus.

Assim, querendo permanecerem escondidos, eles louvam Deus e não o blasfemam. Quando são descobertos e mostram seu interior, eles blasfemam sem saber.

Por consequência, se eles se convertem à fé católica, eles têm o consolo de estar na mesma situação que o Apóstolo que, após ter dito, entre outras coisas: *Outrora era blasfemo, perseguidor e injuriador*, logo acrescenta: *Mas alcancei misericórdia, porque ainda não tinha recebido a fé e o fazia por ignorância*¹¹.

Nós, pelo contrário, se, para que eles se mostrem a nós, recorreremos à uma mentira que parece ter uma razão, com o objetivo de enganá-los e conquistá-los, nós declaramos, evidentemente, que pertencemos à seita dos priscilianistas blasfemadores e, para fazer com que acreditem, nós blasfemamos sem a desculpa da ignorância, pois um católico que blasfema para parecer herético não pode dizer: “Eu agi por ignorância”.

¹¹ 1 Timóteo 1: 13.

Capítulo 10

Renega Cristo perante os humanos, aquele que o renega com uma mentira.

Em questões assim, meu irmão, devemos sempre nos lembrarmos, com temor, destas palavras: *Aquele, porém, que me negar diante dos humanos, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus*¹².

Ora, não nega Cristo perante os humanos, quem o nega perante os priscilianistas, para colocá-los a descoberto com uma mentira blasfematória e para conquistá-los em seguida?

Quem então, eu lhe pergunto, hesitará em reconhecer que Cristo é negado quando se afirma que ele não é o que realmente é e quando isto é dito da maneira como os priscilianistas acreditam?

Capítulo 11

Objeção e réplica.

Mas, você dirá, esse é o único meio que temos para descobrir os lobos escondidos e cobertos com pele de cordeiros, provocando secretas e terríveis devastações no rebanho do Senhor.

Como então conhecíamos os priscilianistas antes da invenção dessa caça com mentiras? Como penetramos no refúgio de seu fundador, que sem dúvida era muito melhor do que seus adeptos

¹² Mateus 10: 33.

em astúcia e habilidade em se esconder? Como os descobrimos e condenamos em tão grande número e de tão grande importância? Como um grande número deles foi corrigido inteiramente e outros meio corrigidos e recebidos por compaixão no seio da Igreja?

Deus, quando é tocado pela piedade, abre muitos caminhos para que se consiga descobri-los. Dois deles são mais precisos que os outros: as indicações daqueles que eles procuraram seduzir e as indicações daqueles que eles já seduziram, mas que se arrependeram e voltaram atrás.

A ação é facilitada quando se destrói seu erro criminoso, não os enganando com mentiras, mas debatendo sob a bandeira da verdade. É a escritos deste gênero que você deve consagrar seu tempo livre, já que Deus te deu essa faculdade. Essas obras úteis, destinadas a combater tolices dolosas e que são cada vez mais conhecidas e divulgadas por todas as partes pelos católicos, pelos pontífices que falam aos povos e por todas as pessoas de estudo que são animadas pelo zelo com a glória de Deus, serão como que redes santas que capturarão com a verdade, invés de pescar com a mentira.

Capturados dessa maneira, os heréticos confessarão o que eles foram e corrigirão com benevolência ou revelarão por compaixão aqueles que eles souberem ser membros dessa seita maléfica. Se eles custarem muito a confessar o que esconderam por tanto

tempo, a mão de Deus saberá lhes aplicar o remédio em segredo e curá-los.

Capítulo 12

A mentira deve ser combatida por amor à verdade e destruída com a arma da verdade.

Mas, você dirá, penetramos muito mais facilmente em seus esconderijos, fingindo ser o que eles são.

Se isto fosse permitido ou útil, Cristo teria, sem dúvida, ordenado às suas ovelhas que usassem peles de lobo e fossem encontrar os lobos, que elas descobririam muito mais facilmente com a ajuda desse artifício mentiroso. Mas ele não disse isso, nem mesmo quando ele lhes disse que as enviaria para o meio de lobos¹³.

Mas, você rebate, não se tratava de descobrir os lobos, pois eles eram perfeitamente conhecidos, mas somente de suportar suas mordidas e sua crueldade.

Mas e quando, profetizando os tempos que viriam, ele lhes disse que os lobos arrebatadores viriam sob peles de ovelhas. Então, não seria o caso de adverti-los e dizer-lhes: “Vocês, para descobri-los, usem peles de lobos, mesmo permanecendo, no fundo, ovelhas”?

¹³ Cf. Mateus 10: 16. *Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas.*

Mas ele não disse isso e, após ter dito: *Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores*, ele não acrescentou: “Vocês os conhecerão com suas mentiras”, mas sim: *Pelos seus frutos os conhecereis*¹⁴.

A mentira deve ser evitada pela verdade, conquistada pela verdade e destruída pela verdade.

Deus nos livre de vencermos através de blasfêmias voluntárias e blasfêmias involuntárias!

Deus nos livre de evitarmos os vícios dos enganadores imitando-os!

Como evitar esses vícios se, para evitá-los, precisamos tê-los?

Se eu blasfemo conscientemente para conquistar uma pessoa que blasfema por ignorância, eu causo um mal maior do que aquele que corrijo. Se eu nego conscientemente Cristo, para atrair uma pessoa que o nega sem saber, ao arrastar essa pessoa comigo eu a conduzo à perdição, pois, com o objetivo de conquistá-la, eu primeiramente ocasiono minha morte.

¹⁴ Mateus 7: 15 e 16.

Capítulo 13

Renega Cristo mesmo aquele que, da boca para fora, afirma o que não está em seu coração.

Será que aquele que procura atrair dessa maneira os priscilianistas não renega Cristo, porque não tira de seu coração aquilo que expressa com sua boca? Como se, às palavras que já citei: *É crendo de coração que se obtém a justiça*, fossem acrescentadas inutilmente estas: *é professando com palavras que se chega à salvação*¹⁵.

Quase todos aqueles que negaram Cristo perante os perseguidores, não conservaram em seu coração a fé nele? No entanto, por não terem confessado com a boca, para a salvação, eles pereceram, exceto os que recuperaram a vida com a penitência.

Quem é tão insensato a ponto de acreditar que o apóstolo Pedro tinha em seu coração o que ele expressou com a boca, quando ele negou Cristo? Seguramente, naquela situação, seu coração permaneceu fiel à verdade e sua boca proferiu uma mentira.

Por que então ele chorou com aquela mentira¹⁶, se a fé do coração bastava para a salvação? Por que, ao dizer a verdade em seu coração, ele pagou com lágrimas muito amargas as palavras que saíram de sua boca, se não foi porque ele se viu enormemente

¹⁵ Romanos 10: 10.

¹⁶ Mateus 26: 69-75.

culpado por não ter confessado com a boca, para sua salvação, o que ele acreditava de coração, para a justiça?

Capítulo 14

Não adianta ter a verdade na boca, se você não acredita no que diz.

Desta forma, as palavras: *Quem diz a verdade em seu coração*¹⁷, não devem ser entendidas no sentido de que, contanto que se conserve a verdade em seu coração, pode-se proferir mentiras com a boca. Elas significam que se pode proferir a verdade com a boca, sem nenhum benefício, quando ela não está no coração, ou seja, quando não se acredita no que se fala, como fazem os heréticos e, sobretudo, os priscilianistas, que não acreditam na verdade católica e, no entanto, a proclamam, para passarem como um dos nossos. Eles falam, portanto, a verdade, da boca para fora, mas não em seus corações. É por isso que é preciso distingui-los de *Quem diz a verdade em seu coração*.

Ora, como o católico diz essa verdade de coração, porque ele acredita nela, assim, ele deve dizê-la e proclamá-la com a boca e não mentir contra ela nem com o coração e nem com a boca, de maneira a acreditar de coração, para a justiça e com a boca, para a salvação.

¹⁷ Salmo 14: 3. *Qui loquitur veritatem in corde suo.*

No mesmo Salmo onde está escrito: *Quem diz a verdade em seu coração*, imediatamente está acrescentado: *não faz trapaça com sua língua*¹⁸.

Capítulo 15

Ao apresentarmos a verdade, precisamos de discernimento.

Com relação ao texto do Apóstolo: *Renunciai à mentira. Fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros*¹⁹, Deus nos livre de entendê-lo no sentido de que o Apóstolo nos permite mentir para aqueles que não são, como nós, membros do corpo de Cristo!

Ele quer somente dizer que cada um de nós deve considerar como sendo dos nossos aquele que desejamos ver como tal, mesmo que ele ainda não o seja. É desta forma que o Senhor apresenta o samaritano estranho como sendo próximo daquele a quem ele fez misericórdia²⁰.

Precisamos então considerar como próximo e não como um estranho, aquele que devemos tratar de maneira que ele deixe de ser um estranho. Se for preciso lhe esconder algumas verdades,

¹⁸ *Non egit dolum in lingua sua.*

¹⁹ Efésios 4: 25.

²⁰ Cf. Lucas 10: 30-37.

porque não compartilha ainda de nossa fé nelas e não participa dos sacramentos, pelo menos não devemos lhe dizer falsidades.

Capítulo 16

O sentido de Filipenses 1: 15-18.

Já havia, no tempo dos Apóstolos, pessoas que não pregavam a verdade com a verdade, ou seja, com um coração sincero.

O Apóstolo diz que elas não pregavam o Cristo com sinceridade, mas movidos pela inveja e espírito de discórdia.

Alguns deles eram tolerados, mesmo que não pegassem a verdade com um coração sincero, mas nenhum foi louvado por ter anunciado a mentira, mesmo mantendo um coração puro.

É deles que fala o Apóstolo, quando diz: *Não faz mal! Contudo que, de todas as maneiras, por pretexto ou por verdade, Cristo seja anunciado*²¹.

Afinal, há muitos meios de se descobrir os heréticos escondidos, sem ultrajar a fé católica e nem adotar a impiedade herética.

²¹ Filipenses 1: 15-18.

Capítulo 17

Não existe boa intenção que justifique a mentira.

Mas, se fosse impossível arrancar das trevas a impiedade herética, sem desviar a língua católica do caminho da verdade, melhor seria deixá-la em sua obscuridade, do que comprometer esta.

Melhor ver as raposas escondidas em sua tocas do que ver os caçadores caindo, em sua perseguição, no fosso das blasfêmias.

Melhor ver a perfídia dos priscilianistas se cobrir com o véu da verdade, do que a fé católica negada pelos crentes, para ser louvada por heréticos mentirosos.

De fato, se mentiras, não comuns, mas blasfematórias, são lícitas, justas, porque são empregadas para descobrir heréticos escondidos, o adultério poderá também se tornar casto, se for cometido com a mesma intenção.

Por exemplo, se uma mulher, uma priscilianista impudica, lançar o olhar sobre algum José católico e este se propõe descobrir os esconderijos dos membros da seita, se ele consente em cometer o crime com ela, com a certeza de que ela manterá sua promessa, se ele concordar com o que ela lhe pede, então, devemos pensar que ele precisa aceitar?! Não pensaremos que não se pode comprar tal benefício com esse preço?!

Por que não descobrir e atrair heréticos com um adultério carnal e acreditar que isso seja permitido através do adultério ou da blasfêmia?

Ou justificaremos, sob o mesmo argumento, esses dois atos, sob o pretexto de que eles não são criminosos, se têm por objetivo descobrir criminosos, ou, se a santa doutrina proíbe ter relações, tanto de corpo quanto de espírito, com mulheres impudicas, mesmo para descobrir heréticos, ela nos proíbe igualmente professar, com o mesmo objetivo, tanto de coração, quanto com a boca, uma imunda heresia ou blasfemar a casta religião católica.

A própria alma __ essa soberana a quem todos os impulsos humanos inferiores devem obedecer __ sempre sofre um grave ultraje, quando um órgão ou a voz se prestam para um ato doloso. Afinal, o que se faz com a palavra se faz com os órgãos, já que a língua, o instrumento da palavra, é um órgão e nenhum de nossos órgãos realiza uma ação que não tenha sido primeiro concebida no coração. O ato já gerado interiormente pelo pensamento e o consentimento só faz aparecer exteriormente, por intermédio do órgão.

A alma, portanto, não é desculpada de uma ação, quando se diz que essa ação não vem do coração, pois a ação não poderia ter acontecido se não tivesse sido concebida no coração.

Capítulo 18

O que se sabe que é pecado não pode ser feito sob nenhum pretexto.

Sem dúvida que, geralmente, é importante saber por que motivo, com que fim, com que intenção uma coisa é feita. Mas, tudo o que certamente é pecado jamais pode ser feito sob o pretexto de que a causa é justa, é para um bom fim e a intenção é correta.

As ações humanas que não são propriamente pecados são uma hora boas, outra hora más, de acordo com a motivação boa ou má. Por exemplo, dar comida aos pobres é uma boa obra, se isso for feito com espírito de compaixão e com uma fé saudável. Também é assim o ato conjugal, quando ele tem por objetivo gerar filhos, se é realizado com fé e com a intenção de regenerar, através do batismo, os filhos que vão nascer.

Estes atos e outros do gênero são bons ou maus segundo sua motivação. Uma má intenção os transforma em pecados, como, por exemplo, se um pobre é alimentado por ostentação, se é procurada no casamento a satisfação da paixão, se forem colocados no mundo crianças para serem entregues ao demônio e não a Deus.

Mas, quando a ação é dolosa por ela mesma, como o roubo, a fornicção, a blasfêmia e outras do tipo, quem ousará dizer que

ela pode ser praticada por bons motivos, de sorte que ela deixa de ser pecado ou, o que é mais absurdo, que ela se torna um pecado justo?

Quem ousará dizer: “Roubemos os ricos para ter o que dar aos pobres” ou “Prestemos falsos testemunhos em troca de dinheiro, sobretudo se um inocente não deve sofrer ou se com isso livramos um culpado do juiz que vai condená-lo”?

De fato, dessas ações podem resultar dois bens: recebemos dinheiro com o qual podemos alimentar os pobres e se enganará o juiz para impedi-lo de condenar uma pessoa.

Por que também não destruir os testamentos verdadeiros e substituí-los por falsos, para que as heranças e os legados não sejam destinados a pessoas indignas, que não saberão usá-los para o bem e eles passem para pessoas que dão de comer àqueles que têm fome, vestem os que estão nus, hospedam os viajantes, resgatam os cativos e constroem igrejas?

Por que não fazer o mal para tão bons fins, se com tão bons fins se impedem tantos males?

Se algumas mulheres impudicas e ricas parecem dispostas a enriquecer seus amantes, os próprios autores de sua desonra, por que um homem compassivo não se voltaria para esse lado e se disporia a esse expediente, se ele teria a excelente intenção de se prover com o que dar aos pobres, a despeito, é verdade, do que

disse o Apóstolo: *Quem era ladrão não torne a roubar, antes trabalhe seriamente para realizar o bem com as suas próprias mãos, para ter com que socorrer os necessitados*²².

Desta forma, não somente o roubo, mas também o falso testemunho, o adultério e toda má ação deixarão de ser maus e até mesmo se tornarão bons, se forem cometidos com o objetivo de se prover com o que fazer o bem.

Quem ousará dizer essas coisas, a menos que queira colocar abaixo a humanidade inteira e os costumes e as leis?

De fato, qual é o atentado tão horrível, qual é o crime tão odioso e revoltante, qual é o sacrilégio tão ímpio, que não pode ser declarado bom e justo, não apenas ininputável como até mesmo glorioso, não somente isento de qualquer castigo, como até mesmo digno de recompensa, se admitimos que em todas as más ações humanas, não se trata do que é feito, mas do objetivo com o qual foi feito, de sorte que todo ato inspirado por um bom motivo é, por isso mesmo, declarado inocente?

Mas, se a justiça tem razão em punir o ladrão, mesmo quando ele afirma e demonstra que retirou o supérfluo dos ricos para dar o necessário aos pobres; se ela tem razão em punir o falsário, mesmo quando ele prova que alterou um testamento para que a herança passasse para uma pessoa que saberia realizar abundantes

²² Efésios 4: 28.

obras de caridade e não àquele que não as faria; se ela tem razão em punir o adultério, mesmo quando for demonstrado que esse crime foi cometido por paixão, para livrar alguém da morte através daquela com o qual ele foi cometido e, por fim, para melhor entrar em nosso tema, se ela tem razão em punir aquele que cometeu o adultério com uma mulher priscilianista, com o objetivo de penetrar nos segredos dos priscilianistas, então, de acordo com o que disse o Apóstolo: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedecais aos seus apetites. Nem ofereçais os vossos membros ao pecado, como instrumentos do mal*²³.

Não devemos, por consequência, dedicar ao crime as mãos, as partes sexuais e nenhum outro órgão, para poder descobrir os priscilianistas.

Que mal nos fez nossa língua, nossa boca inteira, nossa voz, para abandoná-las ao pecado como seus instrumentos e a um pecado tão monstruoso quanto blasfemar nosso Deus, sem poder alegar ignorância e isso com o objetivo de descobrir os priscilianistas e impedi-los de blasfemar sem saber?

²³ Romanos 6: 12 e 13.

Capítulo 19

A diversa gravidade dos diversos pecados.

Mas, dirão, devemos então colocar um ladrão qualquer no mesmo nível daquele que rouba com a intenção de fazer o bem?

Ninguém disse isso. Mas um não é bom porque o outro é pior. Aquele que rouba por cupidez é mais culpado do que aquele que rouba por paixão, mas, se todo roubo é um pecado, é preciso se abster de todo roubo, pois, quem ousará dizer que se pode pecar, mesmo que existam atos mortais e faltas veniais?

Neste momento a questão não é saber se uma ação é mais ou menos dolosa, mas se é pecado ou não executá-la. O roubo, por exemplo, é menos punido pela lei que o adultério. No entanto, ambos são pecados; um, mais leve e ou outro, mais grave. Tanto que o roubo inspirado pela cupidez é tido como menos criminoso que o adultério cometido com vistas a benefícios.

Da mesma forma, os pecados que parecem cometidos com boa intenção se tornam menos graves que outros de mesma natureza. Mas são considerados mais graves que outros de uma espécie diferente, naturalmente mais leves.

De fato, há mais mal em roubar por cobiça do que por paixão. O adultério que tem a libertinagem por motivo é mais doloso do que aquele que se comete com vistas a benefícios. No en-

tanto, há muito mais mal em cometer o adultério com vistas a benefícios do que em roubar por cobiça.

Mas, repetindo, não se trata aqui de saber qual pecado é mais ou menos grave, mas se algo é pecado ou não. Ninguém ousará dizer que se deve praticar uma ação, se ela é reconhecidamente má. Podemos dizer, todavia, que a falta deve ser desculpada em uma ou outra circunstância e não sê-la nesta ou naquela.

Capítulo 20

Casos problemáticos relatados nas Santas Escrituras.

Admitimos, no entanto, que há certos pecados de compensação que perturbam tanto as ideias humanas, que são vistos como dignos de elogios; ou melhor, que não são vistos como um mal.

De fato, quem hesitará em dizer que um pai comete uma monstruosa iniquidade, ao entregar sua filhas à prostituição e ao abandoná-las aos ímpios? No entanto, um homem justo acreditou um dia dever fazê-lo, quando os sodomitas, levados por uma paixão furiosa, quiseram praticar violência contra seus hóspedes. Ele lhes disse, de fato: *Suplico-vos, meus irmãos, não cometais este crime. Ouvi: tenho duas filhas que são ainda virgens. Eu vo-las trarei e farei delas o que quiserdes. Mas não façais nada a estes homens, porque se acolheram à sombra do meu teto*²⁴.

²⁴ Gênesis 19: 7 e 8.

O que dizer sobre isto? Não sentimos um horror tão grande pelo crime que os sodomitas queriam cometer aos hóspedes desse homem justo, que não veríamos como permitido tudo o que pudesse impedi-lo?

Mas aqui o que mais atrai a atenção é a qualidade do personagem: um homem cuja virtude lhe valeu ser salvo do desastre de Sodoma. Como um atentado ao pudor é menos grave quando cometido contra a mulher do que contra um homem, podemos dizer que foi por um motivo virtuoso que ele preferiu vê-lo infligido às suas filhas do que aos seus hóspedes. Não somente consentindo de coração, como também oferecendo-o de viva voz e disposto a cumprir suas palavras se sua proposta fosse aceita.

Ora, se nós abrirmos a brecha aos pecados, admitindo que os menores podem ser cometidos para evitar os mais graves ao próximo, logo o caminho se expandirá, os limites desaparecerão, todas as fronteiras serão arrancadas e apagadas e o pecado entrará e reinará soberana e abertamente.

Uma vez que se decidiu que uma pessoa pode cometer um pecado menor para evitar outro mais grave, imediatamente impediremos o adultério através do roubo, o incesto através do adultério e, se algum crime nos parecer mais grave do que o incesto, afirmaremos que o incesto nos é permitido, para colocar um obstáculo a este crime. Depois, em cada espécie de pecado, nos acre-

ditaremos autorizados a opor roubo ao roubo, adultério ao adultério, incesto ao incesto, sacrilégio ao sacrilégio, faltas pessoais a faltas alheias, não apenas as menos graves pelas mais graves, como também, mesmo sendo atroz, as menos numerosas pelas mais numerosas, no caso em que as coisas fossem de uma maneira tal que não víssemos outro meio de reter o próximo que não fosse nós mesmo pecando, mas de forma mais rara.

Neste caso, se um inimigo que tivesse esse poder viesse nos dizer: “Se você não consente em ser um celerado, eu o serei ainda mais”; ou então: “Se você não comete esse crime, eu cometerei esses outros em um número ainda maior”; nós nos sentiríamos culpados por não cometer o mal que fosse exigido de nós.

Isto é sabedoria?! Não é uma irracionalidade, ou melhor, uma loucura?!

É a minha própria iniquidade e não a alheia, cometida contra mim ou contra quem quer que seja, que deve me fazer temer a condenação, pois: *A alma que peca é esta que morrerá*²⁵.

Capítulo 21

Os exemplos de Lot e de Davi.

Se então não há dúvidas de que não devemos pecar para impedir os outros de cometerem pecados mais graves contra nós ou

²⁵ Ezequiel 18: 4. *Anima quæ peccaverit, ipsa morietur.*

contra quem quer que seja, devemos examinar se o exemplo de Lot deve ser imitado.

O que devemos sobretudo considerar e observar é que, vendo a criminosa impiedade dos sodomitas ameaçar seus hóspedes com um monstruoso atentado que ele deseja e não podia evitar, a mente desse justo pode ter ficado tão perturbada que ele resolveu fazer o que nós proibiríamos clamorosamente. Não a timidez humana agitada pela tempestade, mas o direito divino, se nós o consultássemos com uma calma serena. Ele até mesmo diria que é uma lei evitar o nosso pecado, sem nos deixar abalar pelo medo de pecados totalmente alheios a nós.

Esse homem justo, temendo o pecado alheio, que só nos macula se consentimos com ele, não viu, em sua perturbação, a falta que ele mesmo cometeria, ao abandonar sua filhas à paixão daqueles ímpios.

Quando lemos tais fatos nas Escrituras, não imaginemos que eles estão ali, daquela forma, para nossa imitação. Não violemos os preceitos, seguindo irrefletidamente os exemplos.

Pois então! Porque Davi tinha jurado matar Nabal e, cedendo a um sentimento de clemência mais refletida, ele não manteve sua palavra²⁶, diremos que é preciso imitá-lo e jurar ao acaso fazer o que mais tarde víssemos que não se deve fazer?

²⁶ Cf. I Samuel 25: 22-35.

Assim como o medo levou Lot a consentir com a prostituição de suas filhas, assim também a cólera perturbou Davi, a ponto de levá-lo a fazer um juramento irrefletido.

Por fim, se nos fosse possível interrogar ambos e perguntar-lhes os motivos que os fizeram agir, um poderia responder: *O terror e o pavor se apoderaram de mim e as trevas me rodearam*²⁷. O outro poderia dizer: *A fúria turvou meus olhos*²⁸. Nós não ficaríamos menos perturbados que aquele, no meio das trevas do medo. Este, com um olhar perturbado pela fúria, não viu o que precisava fazer para evitar o que não devia fazer.

Capítulo 22

Considerações sobre os casos de Lot e de Davi.

Quanto ao santo rei Davi, poderíamos dizer, com muito mais razão, que ele não deveria se enfurecer, mesmo contra um ingrato que lhe retribuísse o bem com o mal e, supondo que a cólera o tivesse dominado, já que ele era humano, ela não deveria, no entanto, fazê-lo emitir um juramento que não poderia cumprir sem crueldade e nem violá-lo sem perjúrio.

Mas, quanto a Lot, colocado no meio dos furiosos impudicos habitantes de Sodoma, quem teria a coragem de lhe dizer:

²⁷ Salmo 54: 6. *Timor et tremor venerunt super me et contexerunt me tenebrae.*

²⁸ Salmo 6: 8. *Turbatus est a furore oculus meus.*

“Mesmo que seus hóspedes, estranhos que você forçou a entrar em sua casa por um excesso de humanidade, sejam capturados por esses impudicos e sofram violências que só se infligem às mulheres, não tema, não se preocupe, não se assuste, não se horrorize e nem trema”? Quem, mesmo que fosse cúmplice desses vis depravados, teria um discurso desses com relação a esse pio observador das leis da hospitalidade?

Mas, se teria, evidentemente, razão em lhe dizer: “Faça todo o possível para evitar um mal que você tem razão em temer, mas que o medo não te domine até o ponto de usar, como alternativa, ser o autor do crime que suas filhas cometerão, se elas se submeterem aos vis sodomitas, ou o autor da violência que sofrerão, se elas não se submeterem. Não cometa você mesmo um grande pecado, para evitar um maior da parte dos outros, pois, seja qual for a distância entre o seu pecado e o deles, um é o seu e o outro é alheio a você”.

Ou então, para desculpar esse justo, nos coloquemos na situação e pensemos: “É melhor sofrer a injúria do que praticá-la e, já que aqueles estranhos a teriam sofrido e não cometido, Lot, em virtude de seu direito paterno, achou melhor ver o ultraje recair sobre suas filhas do que sobre seus hóspedes”. Ele sabia que, neste caso, elas não pecariam, porque sofreriam, sem elas mesmas o

cometerem, um pecado ao qual elas não dariam nenhum consentimento.

Depois, não foram elas mesmas que se ofereceram para a desonra. Elas, mulheres, em lugar dos homens, dos hóspedes. Elas temiam se tornar culpadas, não em sofrer passivamente uma violência alheia, mas ao dar seu consentimento a ela, voluntariamente.

O pai também não permitiu sobre sua própria pessoa o ultraje da parte daqueles aos quais ele não queria entregar seus hóspedes, embora o crime teria sido menor sobre um do que sobre dois. Mas ele resistiu como pôde, para não se macular dando qualquer espécie de consentimento e, se a paixão furiosa tivesse vencido suas forças físicas, todavia, ao recusar seu consentimento, ele teria permanecido inocente do pecado alheio. E, se suas filhas tivessem resistido, ele não teria sido culpado nelas, pois teria sido a causa somente de uma violência passiva de sua parte e não de uma falta voluntária. Teria sido quase como se ele tivesse oferecido aos celedados que matassem seus servidores, em lugar dos hóspedes.

Por fim, um senhor tem direitos sobre seus servidores que lhe permitem entregá-los à morte, embora sejam inocentes, para poupar um amigo seu __ igualmente inocente e que se tornou seu hóspede __ dos maus tratamentos de alguns malfeitores? Esta é uma questão que não discutirei aqui, porque ela demandaria lon-

gos desenvolvimentos. Mas, pelo menos podemos dizer, com toda segurança, que Davi não devia jurar fazer o que mais tarde reconheceu como ilícito.

Disto resulta que não devemos imitar tudo o que lemos sobre a conduta dos santos e dos justos e podemos ver a extensão e o alcance destas palavras do Apóstolo: *Irmãos, se alguém for surpreendido numa falta, vós, que sois animados pelo Espírito, admoestai-o em espírito de mansidão. E tem cuidado de ti mesmo, para que não caias também em tentação!*²⁹

Ora, essas quedas inesperadas acontecem quando, no momento, não se consegue saber o que fazer ou, quando se sabe, sucumbe-se, de sorte que o pecado é cometido por não se conseguir ver a verdade ou por causa da fraqueza humana.

Capítulo 23

Pode-se ocultar a verdade, mas não dizer falsidade. Abraão e Isaac não eram mentirosos.

O que mais perturba as pessoas de bem em todos os seus atos, são os pecados onde as razões se equilibram, de tal sorte que eles não são mais considerados como pecados, se são cometidos por um ou outro motivo e até mesmo se acredita que se causa um mal se não forem cometidos.

²⁹ Gálatas 6: 1.

Foi sobretudo com relação à mentira que esta opinião prevaleceu entre as pessoas, pois não se vê mais como pecado e entende-se mesmo como uma boa ação, quando ela é proferida contra alguém que tem um interesse em ser enganado ou para impedir o próximo de fazer um mal que não pode ser evitado de outra forma.

Para justificar este tipo de mentira, são citados muitos exemplos das Escrituras e entende-se que há nelas uma aprovação a isso.

Mas, esconder a verdade não é a mesma coisa que mentir, pois, mesmo que aquele que mente queira esconder a verdade, todavia, nem sempre quem quer esconder a verdade mente por causa disso. De fato, na maioria das vezes, é pelo silêncio que escondemos a verdade e não pela mentira.

Certamente que o Senhor não mentiu, quando disse: *Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora*³⁰. Ele tinha coisas verdadeiras para dizer, não coisas falsas. Ele não acreditava que os apóstolos fossem capazes de entender todas as verdades. Se ele não tivesse indicado isso, ou seja, se ele não tivesse lhes dito que eles não podiam suportar o que ele não queria lhes dizer, com isso ele teria escondido uma parte das verdades, mas, talvez não ficássemos sabendo que isso pode ser feito ou, no

³⁰ João 16: 12.

mínimo, não seríamos autorizados a isso por um exemplo tão grande.

Assim então, aqueles que pensam que se pode mentir algumas vezes erram ao citarem como prova Abraão, que dizia que Sara era sua irmã. Ele não dizia: “Ela não é minha mulher”, mas somente que *ela era sua irmã*³¹ e ela o era realmente, já que ela era sua parenta bem próxima e podia, sem mentira, ser chamada de irmã.

Isto é o que ele mesmo afirma, quando responde àquele que a havia levado e a estava devolvendo: *Ela é realmente minha irmã, filha de meu pai, mas não de minha mãe*³². Ou seja, parenta do lado paterno e não materno.

Ele reteve, portanto, uma parte da verdade, mas não enunciou nada de falso, quando escondeu que ela era sua mulher e disse que ela era sua irmã.

Isaac, seu filho, também fez o mesmo, pois sabemos que ele desposou também uma parenta próxima³³.

A mentira não consiste, portanto, em se calar sobre o que é verdadeiro, mas em expressar o que é falso.

³¹ Gênesis 20: 2.

³² Gênesis 20: 12.

³³ Cf. Gênesis 26: 7-11.

Capítulo 24

O que fez Jacó não foi uma mentira, mas um mistério.

Quanto a Jacó, que, a conselho de sua mãe, parece enganar seu pai, se examinarmos atentamente e sob a luz da fé, descobriremos ali um mistério e não uma mentira. Não sendo assim, teríamos que tratar como mentira todas as parábolas e todas as figuras de linguagem, que não podem ser tomadas literalmente e que possuem um sentido misterioso e simbólico e isto não é admissível. Quem pensasse assim poderia dizer o mesmo de todas as locuções figuradas.

A própria metáfora, que consiste em transportar uma palavra com um significado próprio para um sentido que lhe é estranho, deveria, por causa disso, ser chamada de mentira. Assim, quando dizemos que as plantações ondulam, que nas vinhas brotam joias³⁴; quando falamos da flor da juventude, da cabeleira de neve, evidentemente, como não se trata realmente de ondas, joias, flor e neve, estamos utilizando estes termos com outro sentido e alguns podem pensar que são expressões mentirosas.

Seguindo o mesmo raciocínio, o Cristo que é a pedra³⁵, o coração de pedra³⁶ dos judeus, o Cristo que é o leão³⁷, o diabo que

³⁴ Santo Agostinho emprega aqui o duplo sentido da palavra latina *gemma*, que tanto significa pedra preciosa quanto broto.

³⁵ Cf. 1 Coríntios 10: 4.

³⁶ Cf. Ezequiel 36: 26.

é um leão³⁸ e muitas outras locuções deste tipo serão também mentiras.

E o que diremos da figura chamada antítese, quando empregamos abundância para falar da escassez, a doçura para o que é amargo e chamar de carvão luminoso o que não possui luz, de indulgente aquele que é inclemente, justamente porque o carvão é escuro e os inclementes não poupam ninguém?

Assim, lemos nas Escrituras estas palavras que o demônio dirige a Deus, se referindo ao santo homem Jó: *Mas estende a tua mão, toca-lhe nos ossos, na carne e verás que ele te “bendirá” em tua face*³⁹. Evidentemente que ele está querendo dizer aqui que Jó o “amaldiçoará”.

Esta também é a mesma figura utilizada pelos caluniadores de Nabot, quando o acusam de ter “bendito” o rei⁴⁰, ou seja, “amaldiçoado”.

Todas estas formas de linguagem serão vistas como mentiras, se uma palavra ou uma ação simbólica for considerada como mentira.

Mas, se não é mentira quando a metáfora tem por objetivo representar uma verdade, com certeza nem o que Jacó fez ou disse

³⁷ Cf. Apocalipse 5: 5.

³⁸ Cf. 1 Pedro 5: 8.

³⁹ Jó 2: 5. *Alioquin mitte manum tuam et tange os ejus et carnem et tunc videbis quod in faciem benedicat tibi.*

⁴⁰ Cf. 1 Reis 21: 13. *Dixerunt contra eum testimonium coram multitudine : Benedixit Naboth Deum et regem.*

ao seu pai, para atrair sua bênção⁴¹, nem o que José disse aos seus irmãos, como que para induzi-los ao erro⁴², nem a loucura simulada de Davi⁴³, nem os outros fatos deste tipo devem ser vistos como mentiras, mas sim como palavras ou ações proféticas que é preciso reportar a algumas verdades propostas ao intelecto. São como que véus figurativos sob os quais se cobrem as verdades, para exercitar a alma pia e não diminuir seu mérito, expondo as verdades imediatamente e sem obstáculos.

E, quando tiramos, de sua misteriosa obscuridade, fatos que nos são manifestados, aliás, clara e abertamente, o conhecimento se renova, por assim dizer, em nós e essa renovação tem seus encantos. Se eles são ocultos dessa forma, não é para privar deles os fiéis, mas para aumentar seu mérito perante eles, para que, meio que os escondendo do ardor de seus desejos, fique mais vivo o prazer de encontrá-los.

No entanto, eles são chamados de verdades e não de mentiras, pois são coisas verdadeiras e não coisas falsas, que são expressas em palavras ou em ações e até mesmo são chamadas pelos nomes das coisas que representam. Só os consideramos como mentiras porque não os consideramos com relação às verdades

⁴¹ Cf. Gênesis 27: 19.

⁴² Cf. Gênesis 42: 9.

⁴³ Cf. 1 Samuel 21: 13.

que significam, mas nos prendemos às próprias palavras, que realmente são falsas.

Para esclarecer tudo isso com exemplos, examinemos um pouco o que fez Jacó. É certo que ele se cobriu com uma pele de cabra. Numa primeira abordagem, classificaremos isto como uma mentira, pois sua intenção era ser tomado pelo que ele não era. Mas, se atentarmos para o sentido figurado ao qual o fato realmente se relacionava, veremos que a pele de cabra e aquele que se cobriu com ela representaram aquele que carregou os pecados que não eram os seus, iniquidades que não eram as suas.

Um significado verdadeiro não pode, portanto, em nenhuma hipótese, ser chamado de mentira. Isto é assim tanto para ações como para palavras.

Quando Isaac perguntou a Jacó: *Quem és, meu filho?*, ele respondeu: *Eu sou Esaú, teu primogênito*⁴⁴. Considerando somente estes dois gêmeos, isto é uma mentira. Mas, se estas palavras e ações forem tomadas em seu sentido figurado, entenderemos que, em seu corpo, que é a Igreja, estava Aquele que disse, com relação a este evento: *Haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus e vós serdes lançados para fora. Virão do oriente e do ocidente, do nor-*

⁴⁴ Gênesis 27: 18 e 19.

*te e do sul e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus. Há últimos que serão os primeiros e há primeiros que serão os últimos*⁴⁵.

Foi desta forma que o mais jovem foi elevado à primogenitura e colocado à frente.

Quando então o sentido é bem claro e bem verdadeiro, porque procurar uma mentira nas palavras e nas ações? Quando as coisas representadas estão, não fora da verdade, mas no passado ou no presente ou no futuro, evidentemente o significado é verdadeiro e não há uma mentira.

Seria muito longo estudar tudo em detalhes, sob o ponto de vista profético. Mas, a verdade triunfa em toda parte, porque o evento fez ressaltar claramente o que o símbolo havia enunciado.

Capítulo 25

Os priscilianistas mentem, na verdade, no tocante à fé.

Não realizei aqui a tarefa que cabe, particularmente, a você, que descobriu os segredos dos priscilianistas, no que diz respeito aos seus dogmas mentirosos e perversos.

Não é necessário que suas pesquisas pareçam ensinar essa doutrina e não refutá-la. Trabalhe então, pelo contrário, para combatê-la e dar-lhe o golpe de morte, como você soube desmascará-la e expô-la.

⁴⁵ Lucas 13: 28-30.

Ao procurar penetrar as armadilhas desses sectários, não deixemos a impressão de que suas mentiras são irrefutáveis, quando nosso dever é mais destruir seus erros nos corações daqueles que se escondem do que descobrir os mentirosos cometendo seus erros.

Dentre seus dogmas que precisam ser destruídos, há um que eles proclamam abertamente. É aquele que diz que é um dever das pessoas pias mentir para esconder sua religião e mentir não apenas em assuntos gerais e que não dizem respeito ao ensino religioso, mas até mesmo sobre a religião, com o objetivo de escondê-la dos estranhos. De sorte que um cristão deve negar Cristo, para permanecer cristão secretamente no meio de seus inimigos.

Destrua, eu te peço, este princípio ímpio e criminoso, em apoio do qual eles argumentam e citam testemunhos das Escrituras que pareceriam apresentar a mentira, não apenas como desculpável ou tolerável, como também honrosa.

A você cabe a tarefa, quando refutar essa seita detestável, de demonstrar que esses testemunhos das Escrituras devem ser interpretados; de mostrar que não são mentiras, se forem tomados em seus verdadeiros sentidos; que não devem ser imitados, se são realmente mentiras ou, no mínimo, que não se deve jamais mentir em tudo o que diz respeito à religião.

É desta forma que, destruindo seus subterfúgios, eles são aniquilados completamente. Disto resulta que, longe de segui-los, nos colocamos muito mais em guarda contra eles e que eles mesmos admitam que mentem para esconder sua heresia.

É neste terreno que primeiramente eles devem ser combatidos. Esta é a primeira trincheira que deve ser atacada e destruída com a força da verdade.

Não se deve fornecer a eles outro refúgio que eles não tinham ainda. Não pode acontecer de, quando forem traídos por aqueles que eles procuram seduzir, eles possam dizer: “Só queríamos testar vocês, porque pensadores católicos ensinam que se deve empregar este método para descobrir os heréticos”.

Mas devo insistir com mais detalhes e explicar porque eu digo que há três maneiras de discutir com aqueles que procuram justificar suas mentiras com testemunhos das santas Escrituras.

Devemos primeiro mostrar que frequentemente aquilo que se acredita ser uma mentira, não o é, quando é tomado em seu verdadeiro sentido. Em seguida, se há evidentemente uma mentira, devemos evitar imitá-la. Em terceiro lugar, com relação a todas as opiniões que admitem que as pessoas de bem podem mentir em certos casos, devemos estabelecer como um ponto incontestável que jamais é permitido mentir em matéria de religião.

Estes são os três pontos que eu assinaei há pouco, ao impor a você a obrigação de tratá-los.

Capítulo 26

A simulação de Pedro e Barnabé.

Para provar então que o que se acredita ser uma mentira em algumas passagens das Escrituras não o é realmente, se sabemos compreender seu verdadeiro sentido, você tem à disposição um argumento que não é negligenciável; é que todos os exemplos citados são tirados dos profetas e não dos apóstolos.

De fato, todos os casos de mentiras mencionados especialmente estão nos livros onde são consignados, não somente palavras, mas um grande número de fatos significativos e que são apresentados realmente como símbolos. Ora, o que parece mentira em um símbolo é a verdade, quando se compreende bem.

Mas a linguagem dos apóstolos em suas epístolas é outra coisa. É em um estilo bem diferente que são escritos os atos dos apóstolos, visto que o Novo Testamento, anunciado sob um véu de imagens proféticas, estava enfim revelado.

Em resumo, em tantas cartas dos apóstolos e no livro tão importante, em que os atos dos apóstolos são contados por uma autoridade autenticamente reconhecida, não é encontrado um só

personagem que tenha proferido uma mentira e que possa autorizar aqueles que afirmam que é permitido mentir.

A dissimulação de Pedro e de Barnabé, que obrigavam os gentios a se judaizar, foi justamente censurada e corrigida, seja para impedir um mal que pudesse se produzir então, seja para que não se pudesse imitá-lo mais tarde.

De fato, o apóstolo Paulo, vendo que não procediam corretamente, de acordo com a verdade do Evangelho, disse a Pedro, diante de todos: *Se tu, que és judeu, vives como os gentios e não como os judeus, com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?*⁴⁶

Quanto a ele, se para mostrar que não era inimigo da Lei e dos Profetas, conservou e praticou algumas observâncias legais, deixemos de acreditar que ele tenha mentido neste caso. Sabemos muito bem qual era seu pensamento sobre isso e o decreto que se seguiu a isso: que não se contrariasse os judeus que permaneceram fiéis às tradições de seus pais e que não se impusesse essas tradições aos gentios que se cristianizassem, para que, de um lado, não se acreditasse obrigado a evitar como sacrílegas as prescrições que certamente tinham vindo de Deus e, por outro lado, que elas não fossem mantidas, após a revelação do Novo Testamento, co-

⁴⁶ Gálatas 2: 14.

mo sendo necessárias, no sentido de que aqueles que fossem convertidos não pudessem ser salvos sem elas.

Havia pessoas que pensavam e pregavam isso, mesmo após a recepção do Evangelho e Pedro e Barnabé os aprovavam dissimuladamente. Daí o porquê deles forçarem os gentios a se judaizarem, pois era forçá-los, proclamar essas observâncias como tão necessárias, que sem elas não há salvação no Cristo após a recepção do Evangelho.

É isto o que alguns acreditavam erradamente. Pedro parecia admitir isso por medo e Paulo o censurou com toda liberdade.

E se Paulo disse: *Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos*⁴⁷, é preciso ver aqui um sentimento de compaixão e não uma mentira.

De fato, fazemos como aquele a quem se quer prestar um socorro, quando se é suficientemente misericordioso para prestar ao outro o auxílio que se gostaria de receber, se estivessemos na mesma situação de infortúnio. Fazemos como ele, não para enganá-lo, mas porque imaginamos estar em seu lugar.

Foi isto que ditou ao Apóstolo estas palavras, que já citei antes: *Irmãos, se alguém for surpreendido numa falta, vós, que sois animados pelo Espírito, admoestai-o em espírito de mansidão. E*

⁴⁷ 1 Coríntios 9: 22.

*tem cuidado de ti mesmo, para que não caias também em tentação!*⁴⁸

E, se por haver dito: *Para os judeus fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, fiz-me como se eu estivesse debaixo da Lei, embora o não esteja, a fim de ganhar aqueles que estão debaixo da Lei*⁴⁹, Paulo deve ser suspeito de ter praticado de forma mentirosa os sacramentos da antiga Lei, seria preciso dizer também que ele abraçou mentirosamente a idolatria dos gentios, porque ele acrescenta que se fez, como aqueles que eram sem a Lei, como se ele fosse sem Lei, para salvá-los e este foi um crime que ele certamente não cometeu, pois, em nenhum momento ele sacrificou aos ídolos e nem os adorou. Pelo contrário, ele os denunciou como objetos detestáveis e dignos de total aversão, com a liberdade de um mártir de Cristo.

Portanto, não é encontrada nenhuma mentira que deva ser imitada nos atos e nas palavras dos apóstolos.

Quanto aos atos e palavras proféticas, nossos adversários se acreditam autorizados a invocá-las, porque consideram mentiras as imagens proféticas, já que algumas vezes elas possuem esta aparência. Mas quando elas são relacionadas com as coisas que elas tinham a intenção de enunciar, seja por ações ou por palavras, vemos que são verdades proféticas e de forma alguma mentiras.

⁴⁸ Gálatas 6: 1.

⁴⁹ 1 Coríntios 9: 20

Mentir é expressar uma falsidade com a intenção de enganar. Não há falsidade onde, mesmo que uma coisa seja expressa por meio de outra, o significado é verdadeiro, quando se sabe compreendê-lo corretamente.

Capítulo 27

Passagens dos Evangelhos invocadas para justificar a mentira.

Há traços deste gênero até mesmo nos Evangelhos do Senhor, porque ele, o Deus dos Profetas, também condescendeu ser profeta.

Este é o caso da passagem da mulher que sofria de um fluxo de sangue: *Quem foi que me tocou?*⁵⁰ E desta outra, ao falar de Lázaro: *Onde o pusestes?*⁵¹

Ele interroga como se ele ignorasse o que ele sabe. Mas essa falsa ignorância tem outro significado e, como esse significado é verdadeiro, não há mentira.

A mulher que sofria do fluxo de sangue e o morto de quatro dias simbolizava aqueles que, em um certo sentido, não eram ainda conhecidos Daquele que conhece tudo. A mulher era o símbolo do povo gentio, do qual o Profeta havia dito: *Um povo que não*

⁵⁰ Lucas 8: 45.

⁵¹ João 11: 34.

*conheço me serviu*⁵². Lázaro, retirado do mundo dos vivos, representa, no túmulo onde está depositado, aquele que disse isto: *Fui jogado para longe de vossos olhos*⁵³.

É, portanto, figuradamente que Cristo pergunta, como se ignorasse que mulher era aquela e onde estava aquele corpo morto. A verdade do significado faz desaparecer toda mentira.

Capítulo 28

Alguns relatos dos Evangelhos que são fictícios, propriamente, mas reais em seus significados.

O mesmo acontece com a passagem que eles apresentam, como você diz, onde é contado que o Senhor, após sua ressurreição, caminhou com dois discípulos e, como eles se aproximavam da aldeia para onde iam, Jesus fingiu ir mais além, pois o Evangelista, ao dizer expressamente: *Ele fingiu seguir adiante*⁵⁴, emprega um verbo particularmente caro aos mentirosos e por detrás do qual eles escondem suas mentiras, como se todo fingimento fosse uma mentira, quando se finge muito frequentemente para dar a entender uma coisa por outra.

Se então Jesus não tivesse outra intenção ao fingir ir mais adiante, poder-se-ia dizer que houve uma mentira. Mas, se com-

⁵² Salmo 17: 45. *Populus quem non cognovi servivit mihi.*

⁵³ Salmo 30: 23. *Projectus sum a facie oculorum tuorum.*

⁵⁴ Lucas 25: 28. *Et ipse se finxit longius ire.*

prendermos bem o verdadeiro sentido disso, se nos atentarmos para o objetivo que ele queria indicar, encontraremos aí um mistério. Não fosse assim, seria preciso tratar como mentiras todas as narrativas de fatos alegóricos que não são reais. Como, por exemplo, a longa parábola do homem que tinha dois filhos, sendo que o mais velho ficou em casa com o pai e o mais jovem foi para um país distante⁵⁵.

Neste gênero de ficção, até mesmo atribuímos atos e palavras humanas a animais privados de razão e a objetos inanimados, para tornar mais claro ao pensamento o que queremos expressar. Com a ajuda de histórias fictícias, é verdade, mas com um significado de acordo com a verdade.

Não apenas isto é encontrado em autores profanos __ como em Horácio⁵⁶, por exemplo, onde ratos falam com ratos, doninhas falam com raposas, para retirar de uma história imaginária o objetivo que o autor se propõe e também em Esopo, cujas fábulas têm o mesmo alcance, sem que ninguém, nem mesmo o mais ignorante, seja tentado a chamá-los de mentirosos__ como também são encontrados nos livros santos, como no Livro dos Juízes, por exemplo, onde as árvores querem eleger um rei e falam com a oliveira, com a figueira, com a vinha e com o espinheiro⁵⁷.

⁵⁵ Cf. Lucas 15: 11-32.

⁵⁶ Cf. Horácio. *Sátiras*. Livro II, sátira 6 e *Epístolas*. Livro I, epístola 7.

⁵⁷ Cf. Juízes 9: 8-15.

Pura ficção, que tem por objetivo conduzir ao objeto que se tem em vista, através de uma história inventada, mas sem mentira e com um significado verdadeiro.

Tudo isso se aplica ao que lemos sobre Jesus: *Ele fingiu seguir adiante*, para que ninguém __ como os priscilianistas __ que queira se permitir a mentira, conclua destas palavras que o próprio Cristo mentiu.

Para compreender o sentido figurado desse fingimento, é preciso ver o que Jesus fez em seguida. Ele, de fato, foi adiante, muito além de todos os céus, sem, no entanto, abandonar seus discípulos. Sua humanidade finge no presente para profetizar simbolicamente o que sua divindade fará no futuro. O significado do fingimento é verdadeiro, porque a verdade da partida se seguiu a ele.

Quem então pretender que Cristo mentiu, ao fingir, que negue então que ele tenha realmente cumprido com o que havia dado a entender.

Capítulo 29

Nem todos os exemplos dos personagens do Antigo Testamento são para serem imitados.

Os heréticos mentirosos não encontram no Novo Testamento nenhuma mentira a propor como exemplo. No entanto, se acre-

ditam autorizados em suas opiniões por um grande número de passagens dos livros proféticos, onde acreditam ver mentiras, porque só um pequeno número do sentido figurado e do objetivo das palavras ou das ações é compreendido.

Mas, em seu ardor para encontrar exemplos para desculpar sua arte de enganar, eles enganam a eles mesmos e sua iniquidade mente para ela mesma⁵⁸. Se os personagens sobre os quais não se deve reconhecer a intenção de profetizar fingiram em ações ou palavras, com a intenção de enganar, é preciso dizer que eles mentiram, no que dependida deles, mesmo quando se pode tirar de suas ações ou suas palavras algum significado profético, colocado e como que semeado em germe pela onipotência Daquele que sabe transformar em bem até mesmo os pecados humanos.

Mas, nem por isso devemos entendê-los como exemplos a serem imitados, mesmo que esses personagens sejam, de forma justa, considerados pelos livros sagrados como santos e pessoas de Deus.

As Escrituras contêm tanto as más quanto as boas ações humanas. Aquelas, para evitarmos e estas, para imitá-las. Algumas das más ações são claramente condenadas e outras são deixadas para nosso próprio julgamento, para que nossa inteligência

⁵⁸ Cf. Salmo 26: 12.

não seja alimentada somente com verdades evidentes, mas também exercitada pela investigação das coisas obscuras.

Capítulo 30

Evitar abrir a porta não só para os pequenos pecados, mas para toda iniquidade.

Mas, por que os heréticos se permitem imitar a mentira de Tamar e não a fornicção de Judá?⁵⁹ Os dois fatos, no entanto, são lidos nas Escrituras e elas não os censuram e nem os louvam. Seria, todavia, bem espantoso se ela deixasse acreditar que esses fatos podem ser imitados impunemente.

Sabemos que Tamar não mente com vistas à libertinagem, mas com o desejo de ser mãe. A fornicção pode acontecer quando alguém quer libertar uma pessoa __ o que não era o caso de Judá __ como a mentira de Tamar era inspirada pelo desejo de ser mãe. Devemos então cometer a fornicção no primeiro caso, se a mentira for declarada como lícita no segundo?

Assim, não é somente com relação à mentira que devemos pesar bem a decisão que devemos tomar, mas com relação a todos os atos humanos onde são encontrados erros que podemos chamar de compensação, para não abrir a porta, não somente a toda espécie de pecado venial, mas a todos os crimes. Não há um só delito,

⁵⁹ Cf. Gênesis 38: 13-18.

um só atentado, um só sacrilégio ao qual não se possa encontrar algum motivo que o transformaria em uma boa ação, conforme o caso. Esta opinião solaparia pela base todos os fundamentos da sociedade.

Capítulo 31

Não há mentiras justas.

Dizer que há mentiras justas é o mesmo que dizer que há pecados justos, ou seja, que há coisas injustas que são justas. O que há de mais absurdo do que isso, pois, por que o pecado é pecado, se não é porque ele é contrário à justiça?

Que seja dito que há pecados graves e pecados leves. Isto é verdade, pois não se pode escutar os estoicos, que afirmam que todos os pecados são iguais. Mas, afirmar que há pecados injustos e pecados justos é o mesmo que dizer que há iniquidades injustas e iniquidades justas.

Quando o apóstolo São João nos diz: *Todo aquele que comete um pecado comete uma iniquidade, porque o pecado é uma iniquidade*⁶⁰, esse pecado não pode ser justo, a não ser que apliquemos a palavra pecado na circunstância em que alguém, sem pecar ele mesmo, faz ou sofre alguma coisa pelo pecado.

⁶⁰ 1 João 3: 4. *Omnis qui facit peccatum, iniquitatem facit et peccatum est iniquitas.*

De fato, chamavam pecados os sacrifícios expiatórios oferecidos pelo pecado e, algumas vezes, até mesmo a pena pelo pecado. Aqui, evidentemente, podemos falar de pecados justos, já que se trata de sacrifícios justos e punições justas. Mas nada do que se faz contra a Lei de Deus pode ser justo.

Dizemos a Deus: *Vossa Lei é verdade*⁶¹. Por consequência, o que é contra a verdade não pode ser justo. Quem pode duvidar de que toda espécie de mentira é contra a verdade? Não pode haver, portanto, uma mentira justa.

Além disso, quem não vê claramente que é pela verdade que toda coisa justa é justa? São João também diz: *Nenhuma mentira vem da verdade*⁶². Portanto, nenhuma mentira é justa.

Por consequência, em todos os exemplos retirados das Santas Escrituras, ou não há uma real mentira, mas apenas fatos considerados assim por falta de compreensão ou, se há realmente, elas não devem ser imitadas, porque não podem ser justas.

Capítulo 32

As recompensas de Deus às parteiras hebreias.

Mesmo que leiamos que Deus recompensou as parteiras judias⁶³ e Raab, a prostituta de Jericó⁶⁴, nem por isso devemos acre-

⁶¹ Salmo 118: 142. *Justitia tua, justitia in aeternum et lex tua, veritas.*

⁶² 1 João 2: 21.

⁶³ Êxodo 1: 17-20.

ditar que isso seja por causa de suas mentiras, mas sim por causa de seus corações compassivos. Não foi a trapaça, mas a benevolência que foi recompensada nelas. Foi a bondade do coração e não a injustiça da mentira.

De fato, da mesma forma como não seria nem espantoso e nem absurdo que Deus lhes tenha perdoado os pecados anteriores, em consideração pelas suas boas obras posteriores, assim também não é surpresa que, no mesmo momento, na mesma circunstância, vendo as duas coisas ao mesmo tempo, ou seja, o ato de compaixão e o ato da mentira, ele tenha recompensado o bem e perdoado o mal em consideração pelo bem, pois, se pecados inspirados pela concupiscência da carne e não pelo espírito de compaixão são remidos tendo em vista obras de misericórdia feitas posteriormente, por que pecados inspirados pelo espírito de misericórdia não seriam perdoados em consideração por obras de misericórdia?

Um pecado cometido com a intenção de prejudicar é mais grave do que um pecado cometido com o objetivo de ajudar. Ora, se aquele é apagado por uma obra de misericórdia que acontece depois, por que este, que é mais leve, não seria apagado pelo sentimento de compaixão que o inspirou inicialmente e o acompanhou posteriormente? Podemos certamente acreditar nisso.

⁶⁴ Josué 2: 1-25.

No entanto, uma coisa é dizer: “Eu errei ao pecar, mas farei obras de misericórdia para apagar minhas faltas passadas”. Outra coisa é dizer: “Devo pecar, porque não sei praticar minha compaixão de outra forma”.

Também é diferente dizer: “Já que pecamos, façamos o bem”. E ainda é diferente dizer: “Pequemos para fazer o bem”.

Num caso, é o mesmo que dizer: “Façamos o bem porque fizemos o mal” e, no outro, é dizer: “Façamos o mal para que o bem aconteça”⁶⁵. Lá se tenta secar a fonte do pecado e aqui temos que nos manter em guarda contra a doutrina do pecado.

Capítulo 33

Na boca do justo não há mentiras, pois são irrepreensíveis.

Resta-nos então compreender que uma recompensa foi concedida às mulheres do Egito e de Jericó, em razão de sua humanidade e de sua compaixão. Mas uma recompensa temporal e que, no entanto, tinha, independente da vontade delas, um significado profético e relativo a alguma coisa de eterno.

Mas, quanto a saber se é permitido, caso necessário, mentir para salvar a vida de alguém __ uma questão que embaraça as pessoas mais sábias __ isto ultrapassa em muito o alcance do espí-

⁶⁵ Cf.: Romanos 3: 8. *Então, por que não faríamos o mal para que dele venha o bem, expressão que os caluniadores, falsamente, nos atribuem?*

rito dessas pobres mulheres que viviam no meio daquelas pessoas e que estavam habituadas àquele gênero de vida.

Deus tinha em vistas, portanto, a ignorância delas sobre este ponto, como sobre tantos outros que elas ignoravam igualmente e que devem conhecer não somente as crianças do tempo presente, como também as do mundo futuro. E ele lhes concedeu, no entanto, por causa da benevolência que elas demonstraram para com seus servos, recompensas terrestres, mas que possuíam um significado celeste.

Raab, salva do saque de Jericó, foi incorporada ao povo de Deus, onde ela pôde fazer progressos e conseguir os bens eternos e imortais, que não poderia conseguir ao preço de mentiras.

Mas, quando Raab prestou aos exploradores israelitas um serviço tão grande e tão meritório, com a condição de que lhe poupassem a vida, ela não estava ainda suficientemente evoluída para que se exigisse dela o que pede o Senhor: *Dizei somente sim, se é sim; não, se é não*⁶⁶.

Quanto às parteiras, mesmo que elas fossem judias, se elas só possuíssem o sentido carnal, do que lhes teria servido uma recompensa temporal, a prosperidade de suas famílias⁶⁷, se elas não tivessem sabido fazer progressos para pertencer àquela casa sobre

⁶⁶ Mateus 5: 37.

⁶⁷ Cf. Êxodo 1: 22. *Ædificavit eis domos*. Literalmente: “Edificou suas casas”.

cuja felicidade fala-se ao Senhor: *Felizes os que habitam em vossa casa, Senhor. Aí eles vos louvam para sempre*⁶⁸.

É preciso convir, afinal, que é um grande passo rumo à justiça e um ato digno de elogio __ não por ele mesmo, mas por causa da esperança que ele dá e o caráter que ele supõe __ só mentir para fazer uma boa ação e não para fazer algo errado.

Mas, quando nos colocamos esta questão: “É apropriado, à pessoa de bem, mentir algumas vezes?”, não estamos falando de uma pessoa que pertence ao Egito, a Jericó, a Babilônia ou a esta Jerusalém terrestre, que é escrava com seus filhos, mas falamos de cidadãos da cidade do alto, da nossa mãe livre e eterna que está nos céus⁶⁹. E obtemos a resposta: *Nenhuma mentira vem da verdade*⁷⁰.

Ora, os filhos dessa cidade são os filhos da verdade. É sobre os filhos dessa cidade que está escrito: *Em sua boca não se achou mentira, pois são irrepreensíveis*⁷¹.

É também sobre um filho dessa cidade que está escrito: “O filho que recebe a palavra se afasta da perdição. Ao recebê-la, ele age em seu benefício e nada de falso sai de sua boca”⁷².

⁶⁸ Salmo 83: 5.

⁶⁹ Cf. Gálatas 4: 25 e 26.

⁷⁰ 1 João 2: 21.

⁷¹ Apocalipse 14: 5.

⁷² Cf. Provérbios.

Se acontece, às vezes, desses filhos da Jerusalém do alto, da santa e eterna cidade, de mentirem inadvertidamente ou por causa da fraqueza humana, eles pedem humildemente perdão e, de forma alguma, eles se vangloriam disso.

Capítulo 34

Há um limite para a misericórdia.

“Mas então”, podem argumentar, “teria sido melhor que aquelas parteiras e Raab não tivessem piedade do que mentir?” Sim. Muito mais, se aquelas mulheres judias estivessem diante do que supõe nossa questão: “É permitido mentir algumas vezes?” Elas não teriam dito nada de falso e, ao mesmo tempo, elas teriam rejeitado, com uma generosa liberdade, a abominável missão de matar as crianças.

“Mas então”, você diria, “elas teriam sido mortas”. Que fosse. Mas, veja as consequências. Elas seriam mortas, mas teriam recebido, na morada celeste, uma recompensa incomparavelmente maior do que as casas que elas pudessem edificar⁷³. Ao morrerem pela mais inocente verdade, elas teriam morrido para desfrutar da felicidade eterna.

Mas, e a mulher de Jericó? Ela também teria conseguido isso, se não tivesse enganado seus concidadãos com uma mentira e

⁷³ Cf. nota 66. “A prosperidade de suas famílias”.

desviado suas buscas? Ao dizer a verdade, ela não teria traído os hóspedes que ela escondia?

Ela poderia ter respondido àqueles que a interrogavam: “Eu sei onde eles estão, mas temo a Deus e não quero traí-los”? Sim, sem dúvida, se ela já fosse uma israelita, em quem não houvesse falsidades⁷⁴, como ela deveria mais tarde se tornar, ao passar para a Cidade de Deus, por ação da divina misericórdia.

“Mas”, você continua, “com esta resposta, ela teria sido morta e sua casa vasculhada”.

Eles teriam com isso encontrado, necessariamente, aqueles que ela tinha escondido cuidadosamente? Essa mulher extremamente prudente tinha previsto tudo e tinha colocado os hóspedes em um lugar onde eles não poderiam ser descobertos, mesmo que não tivessem acreditado em suas palavras.

Quanto a elas, se seus concidadãos a tivessem assassinado, por causa de sua ação de misericórdia, ela teria terminado __ através de uma morte preciosa perante Deus⁷⁵ __ uma vida que deveria, necessariamente, acabar e o favor que ela prestou não estaria perdido.

“Mas”, você prossegue, “e se aqueles que procuravam tivessem, ao vasculhar tudo, encontrado o lugar onde os hóspedes estavam escondidos?” Também poderíamos dizer com a mesma

⁷⁴ Cf. Apocalipse 14: 5 e João 1: 47 (*Um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade*).

⁷⁵ Cf. Salmo 115: 6. *Pretiosa, in conspectu Domini, mors sanctorum ejus.*

razão: “E se eles não tivessem acreditado em uma mulher desonrada, degradada, que estava não apenas dizendo uma mentira, mas cometendo um perjúrio?” O que ela temia e tentava afastar com uma mentira, teria igualmente acontecido.

O que fazemos, aliás, com a vontade e o poder de Deus? Ele não poderia preservar de todo mal essa mulher que evitava mentir aos seus concidadãos e livrar as pessoas de Deus e os enviados que lhe pertenciam? Aquele que os protegeu após a mentira da mulher poderia tê-los protegido sem que ela tivesse mentido.

Não nos esqueçamos do que se passou em Sodoma, onde homens inflamados pelo desejo de cometer contra outros homens um vergonhoso atentado não puderam nem mesmo encontrar a porta da casa onde estavam aqueles que eles procuravam. Naquela ocasião, um justo, em um caso absolutamente idêntico, não quis pronunciar uma mentira em favor de hóspedes que ele nem mesmo sabia que eram anjos e por quem ele temia um ultraje pior do que a morte.

Certamente que esse justo poderia ter respondido como aquela mulher de Jericó àqueles que o interrogavam. Mas esse homem não quis manchar sua alma com uma mentira, para poupar os corpos de seus hóspedes. Ele preferiu que os corpos de suas filhas fossem vítimas de uma paixão alheia⁷⁶.

⁷⁶ Cf. Gênesis 19: 5-11.

Desta forma então, que as pessoas façam tudo o que for possível para preservar os bens temporais de seus próximos. Mas, até o ponto preciso em que elas não possam fazer isso sem pecar. Se elas não virem nenhum outro meio legítimo para atingir seus objetivos, que elas se considerem como impossibilitadas.

Por consequência, Raab de Jericó, por ter dado hospitalidade a estranhos, a pessoas de Deus, por tê-los socorrido de perigos naquela ocasião, por ter acreditado em seu Deus, por tê-los escondido da melhor forma que pôde, por lhes ter fielmente indicado o caminho que deveriam tomar para se afastarem, por todas estas razões, eu digo, Raab merece ser louvada e apresentada como exemplo, até mesmo aos cidadãos da Jerusalém do alto. Mas sua mentira, mesmo que possuindo um sentido profético, não pode ser proposta para imitação, embora Deus tenha, por um lado, dignamente honrado o bem que ela fez e, por outro, perdoado com bondade o erro que ela cometeu.

Capítulo 35

Regras a serem seguidas na interpretação das Escrituras.

Sendo assim, como seria muito longo discutir todos os exemplos de mentiras que Dicitínio apresenta em seu **Libra** como modelos, me parece que esses exemplos, como todos os outros

que se poderia citar deste tipo, devem ser examinados de acordo com estas regras que foram demonstradas: 1) às vezes uma coisa que é vista como mentira, de fato não é; 2) esconder a verdade não é mentir; 3) deve-se procurar entender o sentido metafórico do que é dito, o que é comum nas palavras e ações simbólicas que abundam nos livros proféticos; 4) quando houver uma mentira evidente, que ela não seja proposta para imitação; 5) se um pecado acontecer acidentalmente, não devemos justificá-lo, mas pedir perdão.

Esta é a minha maneira de ver esta questão e uma conclusão necessária da discussão precedente.

Capítulo 36

A mentira em caso de doença.

Todavia, como somos humanos, como vivemos no meio de humanos e não sou também __ confesso __ daqueles que não possuem escrúpulos com relação ao pecado da compensação, frequentemente sou dominado pela sensibilidade própria à nossa natureza humana e tenho dificuldades em me manter firme quando me dizem: “Aqui está uma pessoa gravemente doente e que não tem mais forças para saber da morte de um filho único e muito amado”. Essa pessoa lhe pergunta se seu filho ainda vive e você sabe que não.

O que responder, quando, das três respostas possíveis __ ele está morto, ele está vivo, eu não sei __ só há uma que essa pessoa não interpretará no sentido de que seu filho está morto, como você sabe, como você teme dizer e você não quer mentir? E mesmo que você mantenha silêncio, o resultado será o mesmo.

Ora, destas três respostas, duas são falsas. A saber: ele está vivo e eu não sei. Você não pode dar estas respostas sem mentir. Mas, se você der a terceira, a única verdadeira __ ele está morto __ e ela perturbar o doente a ponto de lhe dar o golpe final, você será acusado claramente de tê-lo matado. Quem poderá suportar ouvir as pessoas demonstrarem, com mil exageros, o quanto se é culpado, ao se recusar uma mentira que pode dar a vida, para se prender à verdade que pode dar a morte?

Estas objeções me abalam vivamente, mas eu me espantaria se essa emoção fosse racional e sábia. De fato, quando me coloco, de uma maneira qualquer, sob os olhos de minha alma, essa beleza intelectual, cuja boca jamais profere nada de falso, mesmo que o brilho sempre crescente dos raios da verdade deslumbre minha fraqueza e me force a abaixar a pálpebra, no entanto, fico tão inflamado de paixão por esse esplendor magnífico, que rejeito com desprezo todos os motivos humanos que poderiam me afastar dele. Mas, é muito difícil que essa emoção seja suficientemente durável para resistir à tentação.

Quando eu contemplo a bondade luminosa, onde a mentira jamais lança as menores trevas, pouco me importa que chamem de homicida a verdade, porque eu não quero mentir e minha resposta verdadeira causará a morte de uma pessoa.

Oras! Se uma mulher o convida para a desonra, você se recusa e a perturbação de sua louca paixão causa sua morte, também dirão que a castidade é homicida?

Quando lemos: *Somos para Deus o perfume de Cristo entre os que se salvam e entre os que se perdem. Para estes, na verdade, odor de morte e que dá a morte. Para os primeiros, porém, odor de vida e que dá a vida*⁷⁷, chamaremos também de homicida o odor de Cristo?

Mas, porque somos humanos e, nas questões e provas deste gênero, somos geralmente perturbados e dominados pelo sentido humano, o Apóstolo logo clama: *E qual o homem capaz de uma tal obra?*⁷⁸

Capítulo 37

Ninguém diga que a mentira é justa quando o nome de Deus ou seus sacramentos estão envolvidos.

Acrescentemos algo mais deplorável ainda. Uma vez que concordemos que é permitido salvar um doente através de uma

⁷⁷ 2 Coríntios 2: 15 e 16.

⁷⁸ Ibidem.

mentira relacionada ao seu filho, o mal só vai crescer pouco a pouco, imperceptivelmente e através de pequenos degraus se erguerá até uma montanha tal de mentiras, que não haverá mais meios de impedir um desastre, que se tornou imenso através de acréscimos sucessivos. Desta forma, é com sabedoria que está escrito: *Aquele que se descuida das pequenas coisas cairá pouco a pouco*⁷⁹.

Assim, as pessoas tão presas à vida presente que não hesitam em preferi-la à verdade, não queiram nos obrigar, não apenas a mentir para impedir uma pessoa de morrer __ ou melhor, para retardar sua morte inevitável __ como também a cometer perjúrio e tomar o santo nome do Senhor nosso Deus em vão, para prolongar por alguns instantes uma existência inútil. E há, entre essas pessoas, até mesmo sábios que ditam regras, fixam limites e determinam os casos em que se deve ou não cometer perjúrio.

Ó, fontes de lágrimas, onde estão? Que faremos? Aonde iremos? Onde nos esconderemos da ira da verdade, se não apenas fizermos pouco caso da mentira, mas até mesmo ensinarmos o perjúrio?

Que os defensores e os doutores da mentira verifiquem que espécie ou que espécies de mentiras lhes agrada autorizar, mas que pelo menos eles concordem que não é permitido mentir no

⁷⁹ Eclesiástico 19: 1.

tocante ao culto a Deus. Que eles proibam pelo menos os perjúrios e as blasfêmias. Quando se jurar por Ele, que pelo menos ninguém minta. E que ninguém aplauda, ninguém ensine, ninguém ordene a mentira e diga que isso é justo.

Quanto aos outros tipos de mentiras, que cada um escolha aquele que lhe pareça o mais humano, o mais inocente, bem como as pessoas a quem serão dirigidas.

O que eu sei é que aquele mesmo que ensina que é permitido mentir, diz que ensina a verdade.

De fato, se o que essa pessoa ensina é falso, quem vai querer se ligar a uma doutrina em que o mestre engana e o discípulo é enganado?

Mas, se para encontrar alguns discípulos, essa pessoa afirma que ensina a verdade, ensinando que se pode mentir, como essa mentira virá da verdade, se o apóstolo São João clama: *Nenhuma mentira vem da verdade*⁸⁰?

Portanto, não é verdade que é preciso mentir algumas vezes e o que não é verdadeiro não deve ser aconselhado a ninguém.

⁸⁰ 1 João 2: 21.

Capítulo 38

A verdade não ensina a mentir.

Mas, a enfermidade humana desempenha aqui seu papel e, com os aplausos de muitos, ela proclama possuir uma razão irrefutável. Então ela faz oposição e diz: “Como ajudaremos pessoas que estão em perigo e uma mentira pode evitar sua perda ou a de outros, se não nos curvamos à humanidade que nos leva a mentir?”

Se a multidão dos mortais e a multidão dos fracos quiser me escutar com paciência, responderei alguma coisa, no interesse da verdade.

É certo que a castidade só é piedosa, só é verdadeira, só é santa por causa da verdade e quem age contra ela age contra a verdade. Por que então, quando não houver outro meio de tirar alguém do perigo, não se cometeria a fornicação, que só é contrária à castidade porque é contrária à verdade e não se proferiria a mentira, que é diametralmente oposta a essa mesma verdade?

Por que a castidade tem tanto mérito e a verdade tanto demérito, se toda castidade vem da verdade e se a própria verdade é a castidade, não do corpo, mas da alma e a própria castidade do corpo reside na alma?

Por fim, como eu já disse há pouco e mais uma vez repito: que diga então meu opositor, que diga então todo partidário, todo apologista da mentira, se o que o que ele diz não é verdade?

Ora, se ele deve ser ouvido porque ele diz a verdade, como ele diz a verdade para fazer de mim um mentiroso? Como a mentira invoca o apoio da verdade? Seria porque ela faz triunfar seu inimigo para não aniquilar a ela mesma? Quem poderia suportar um absurdo desses?!

Evitemos então dizer que aqueles que afirmam que se deve mentir algumas vezes estão na verdade ao dizer isso, para não cairmos num excesso de irracionalidade e na loucura de acreditar que a verdade nos ensina a mentir.

Oras! A castidade nos ensina a jamais cometer adultério. A santidade, a jamais ofender Deus. A caridade, a jamais fazer mal a alguém. Então, a verdade nos ensinará a mentir?

Se a verdade não nos ensina isso, é porque isso não é verdadeiro. Se isso não é verdadeiro, não deve ser aprendido. Se isso não deve ser aprendido, então, jamais se deve mentir.

Capítulo 39

É fácil passar da mentira ao perjúrio.

*Mas o alimento sólido é para os perfeitos*⁸¹, podem dizer. Permitem-se aos enfermos muitas coisas que não são do gosto da verdade.

Permite-se dizer isto àqueles que não temem as consequências da menor concessão feita à mentira. No entanto, não se pode, em nenhum caso, permitir que a mentira chegue ao perjúrio e à blasfêmia. Não há pretexto possível para se autorizar o perjúrio ou, o que é mais terrível ainda, a blasfêmia contra Deus.

Não deixa de ser uma blasfêmia, fingir que se blasfema. Não fosse assim, não se poderia dizer que o perjúrio existe, já que não há perjúrio sem mentira. De fato, como perjurar dizendo a verdade?

Da mesma forma, ninguém pode blasfemar dizendo a verdade. Sem dúvida que o juramento falso é menos repreensível quando se ignora que o que se jura é falso e se acredita que é verdadeiro. Como Saulo era desculpável por blasfemar, porque o fazia por ignorância⁸².

⁸¹ Hebreus 5: 14. *Perfeictorum autem est solidus cibus.*

⁸² 1 Timóteo 1: 13. *Outrora era blasfemo, perseguidor e injuriador. Mas alcancei misericórdia, porque ainda não tinha recebido a fé e o fazia por ignorância.*

Se a blasfêmia é pior do que o perjúrio, é porque o perjúrio toma Deus como testemunha de uma coisa falsa e com a blasfêmia se diz uma coisa falsa do próprio Deus.

O perjúrio e a blasfêmia são cada vez menos desculpável, quanto mais se está convencido do que o que se afirma com o perjúrio e a blasfêmia é falso. Portanto, aquele que afirma que se deve mentir para a salvação da vida temporal de uma pessoa está a uma grande distância do caminho da salvação e da vida eterna, se ele chega ao ponto de dizer que se pode, neste caso, jurar por Deus ou blasfemar Deus.

Capítulo 40

Não se pode mentir nem pela salvação eterna de alguém.

Às vezes nos apresentam o perigo da salvação eterna, que deve ser afastado, dizem, com nossa mentira, se não houver outra solução. Por exemplo, uma pessoa que quer ser batizada está em poder dos ímpios e dos infiéis e só se pode chegar até ela, para purificá-la com o banho da regeneração, enganando os guardas com uma mentira.

Para escapar desse clamor insidioso, que quer me forçar a mentir, não para salvar as riquezas ou as honras efêmeras desta vida, mas para a salvação eterna do próximo, a quem eu recorreri-

a, se não é a você, ó Verdade? É em seu nome que me propõem ser casto. Ora! Se pudéssemos obter desses guardas, ao preço de uma fornicção, a permissão para batizar essa pessoa, não aceitaríamos cometer essa falta contra a castidade? E se pudéssemos enganá-los com uma mentira, não pecaríamos contra a verdade?

É incontestável que ninguém amaria a castidade e permaneceria fiel a ela, se ela não fosse ordenada pela Verdade. Que se engane então esses guardas para chegar a essa pessoa, se a Verdade assim o exige. Mas, como a Verdade exigiria que se minta para batizar uma pessoa, se a castidade não exige que se cometa adultério para obter o mesmo resultado? E por que a castidade não exige isso, se não é porque a Verdade não ensina isso?

Assim, se só devemos fazer o que a Verdade ensina e se a Verdade nos ensina que não devemos violar a castidade, mesmo com o objetivo de batizar uma pessoa, como essa mesma Verdade nos ensinaria que devemos, neste caso fazer o que lhe é diretamente contrário?

Mas, da mesma forma como os olhos muito fracos para contemplar o sol olham com prazer os objetos que o sol ilumina, assim também as almas que já podem desfrutar da beleza da castidade, não são também capazes, no entanto, de, na mesma medida, contemplar nela mesma a verdade de onde a castidade retira seu brilho, até o ponto de rejeitar com horror tudo o que poderia feri-

la, da mesma forma como repelem com indignação tudo o que lhe propõem de contrário à castidade.

Assim como o filho que acolhe as palavra de Deus⁸³ se mantém afastado da perdição e nada de falso sai de sua boca, ele também não se acredita permitido ajudar seu próximo com uma mentira ou a mantê-lo na castidade através do adultério. Desta forma, o Pai ouve suas preces e faz com que ele possa ajudar sem mentiras, aquele a quem ele mesmo, em seus impenetráveis julgamentos, quer que o socorro seja levado.

Esse filho evita a mentira como a um pecado, pois, algumas vezes, emprega-se a palavra mentira para designar o pecado, como nesta passagem dos Salmos: *Todo homem é mentiroso*⁸⁴, o que é o mesmo que dizer: “Todo homem é pecador”. E também neste texto do Apóstolo: *A verdade de Deus brilha ainda mais para a sua glória por minha mentira*⁸⁵.

Assim, mentindo como homem, peca-se como homem e é este o sentido destas palavras: *Todo homem é mentiroso* e destas: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*⁸⁶.

Mas, quando nada de falso sai da boca, atingimos um nível de graça do qual é dito: *Todo aquele que é nascido de Deus não*

⁸³ Cf. Provérbios 2: 1, 8, 12 e 13.

⁸⁴ Salmo 115: 2. *Omnis homo mendax.*

⁸⁵ Romanos 3: 7.

⁸⁶ 1 João 1: 8.

*peca*⁸⁷. Se houvesse em nós somente este tipo de nascimento, ninguém pecaria e quando somente ele existir, ninguém pecará mais.

Neste momento, infelizmente, ainda trazemos a corrupção na qual nascemos. Embora na condição de regenerados, nós nos renovamos interiormente dia a dia⁸⁸, se caminhamos corretamente.

Mas quando este corpo corruptível tiver se revestido com a incorruptibilidade⁸⁹, a vida o absorverá inteiramente e o aguilhão da morte não existirá mais. *Ora, o aguilhão da morte é o pecado*⁹⁰.

Capítulo 41

Conclusão.

É preciso então evitar a mentira com uma boa conduta ou confessá-la em espírito de penitência e não torná-la frequente com uma vida irregular e multiplicá-la também, ensinando-a publicamente.

Quanto àquele que acredita permitido mentir para a salvação espiritual ou temporal de alguém, pelo menos consigamos convencê-lo de que não deve cometer perjúrio ou blasfemar por nenhum motivo. Entendemos que estes crimes são muito maiores ou, no mínimo, tão grandes quanto o atentado ao pudor.

⁸⁷ 1 João 3: 9.

⁸⁸ Cf. 2 Coríntios 4: 16.

⁸⁹ Cf. 1 Coríntios 15: 54 e 55.

⁹⁰ 1 Coríntios 15: 56.

Lembremos que muito frequentemente os homens exigem um juramento de suas mulheres, quando suspeitam de adultério. Eles não fariam isso se não estivessem convencidos de que uma mulher que não teme cometer adultério pode recuar diante do perjúrio.

De fato, algumas mulheres impudicas, que não tiveram medo de enganar seus maridos com uma relação adúltera, tiveram medo de tomar Deus como testemunha de sua inocência, perante esses mesmos maridos que elas enganaram.

Por que então um homem casto e religioso recusaria propiciar o batismo a alguém ao preço de um adultério e consentiria com ele ao custo de um perjúrio, quando o perjúrio assusta costumadamente até mesmo os adúlteros?

Ora, se, neste caso, não se pode recorrer ao perjúrio, muito menos ainda pode-se permitir a blasfêmia. Portanto, Deus não permita que um cristão negue e blasfeme Cristo, para poder fazer de alguém um cristão. Que ele pereça, para que encontre Aquele que ele perderia após tê-lo encontrado, se lhe tivessem ensinado uma doutrina dessas!

Consequentemente, você deve refutar e reduzir ao nada a obra intitulada **A Libra**. Deve cortar a cabeça do erro que afirma que se pode mentir para esconder sua religião. Deve demonstrar que os testemunhos que esses heréticos tiram dos Livros Santos

para tentar justificar suas mentiras não são mentiras ou não devem ser imitadas se o são.

Se a fraqueza humana for tal que acabe fazendo ligeiras concessões às custas da verdade, sustente, no entanto e estabeleça, como um ponto incontestável, que não se deve mentir jamais em matéria de religião.

Assim como não se pode procurar descobrir os adultérios através de adultérios, os homicídios através de homicídios, os feiticeiros através de feitiços, assim também não é permitido tentar descobrir os mentirosos com a ajuda de mentiras e nem os blasfemadores por meio de blasfêmias.

Esta é a conclusão desta longa dissertação, que não conduzimos sem dificuldades até aqui, ao final que lhe havíamos fixado.



Créditos

Contra mendacium.

© 420 Aurelius Augustinus Hiponnensis

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

Traduzido de *Contre le mensonge* in *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc: Poujoulat et Raulx, 1866, por Souza Campos, E. L. de.

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Devoille.

Conteúdo

CONTRA A MENTIRA	2
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 01	3
Apresentação	3
CAPÍTULO 02	5
Os priscilianistas defendem sua opinião com o apoio das Escrituras.	5
CAPÍTULO 03	7
O erro dos priscilianistas ofende todo martírio.	7
CAPÍTULO 04	9
A mentira é imprópria para os católicos.	9
CAPÍTULO 05	12
Imaginemos agora um interrogatório.	12
CAPÍTULO 06	14
Aqueles que seguem a crença dos priscilianistas sobre a mentira se afastam da verdade.	14
CAPÍTULO 07	15
Com uma mentira se retira a credibilidade de toda a doutrina.	15
CAPÍTULO 08	16
A mentira é mais grave nos católicos do que nos heréticos.	16
CAPÍTULO 09	18

O grande mal dos heréticos quando eles recorrem à mentira.	18
CAPÍTULO 10	21
Renega Cristo perante os humanos, aquele que o renega com uma mentira.	21
CAPÍTULO 11	21
Objeção e réplica.	21
CAPÍTULO 12	23
A mentira deve ser combatida por amor à verdade e destruída com a arma da verdade.	23
CAPÍTULO 13	25
Renega Cristo mesmo aquele que, da boca para fora, afirma o que não está em seu coração.	25
CAPÍTULO 14	26
Não adianta ter a verdade na boca, se você não acredita no que diz.	26
CAPÍTULO 15	27
Ao apresentarmos a verdade, precisamos de discernimento.	27
CAPÍTULO 16	28
O sentido de Filipenses 1: 15-18.	28
CAPÍTULO 17	29
Não existe boa intenção que justifique a mentira.	29
CAPÍTULO 18	31
O que se sabe que é pecado não pode ser feito sob nenhum pretexto.	31
CAPÍTULO 19	35

A diversa gravidade dos diversos pecados.	35
CAPÍTULO 20	36
Casos problemáticos relatados nas Santas Escrituras.	36
CAPÍTULO 21	38
Os exemplos de Lot e de Davi.	38
CAPÍTULO 22	40
Considerações sobre os casos de Lot e de Davi.	40
CAPÍTULO 23	43
Pode-se ocultar a verdade, mas não dizer falsidade. Abraão e Isaac não eram mentirosos.	43
CAPÍTULO 24	46
O que fez Jacó não foi uma mentira, mas um mistério.	46
CAPÍTULO 25	50
Os priscilianistas mentem, na verdade, no tocante à fé.	50
CAPÍTULO 26	53
A simulação de Pedro e Barnabé.	53
CAPÍTULO 27	57
Passagens dos Evangelhos invocadas para justificar a mentira.	57
CAPÍTULO 28	58
Alguns relatos dos Evangelhos que são fictícios, propriamente, mas reais em seus significados.	58
CAPÍTULO 29	60
Nem todos os exemplos dos personagens do Antigo Testamento são para serem imitados.	60

CAPÍTULO 30	62
Evitar abrir a porta não só para os pequenos pecados, mas para toda iniquidade.	62
CAPÍTULO 31	63
Não há mentiras justas.	63
CAPÍTULO 32	64
As recompensas de Deus às parteiras hebreias.	64
CAPÍTULO 33	66
Na boca do justo não há mentiras, pois são irrepreensíveis.	66
CAPÍTULO 34	69
Há um limite para a misericórdia.	69
CAPÍTULO 35	72
Regras a serem seguidas na interpretação das Escrituras.	72
CAPÍTULO 36	73
A mentira em caso de doença.	73
CAPÍTULO 37	75
Ninguém diga que a mentira é justa quando o nome de Deus ou seus sacramentos estão envolvidos.	75
CAPÍTULO 38	78
A verdade não ensina a mentir.	78
CAPÍTULO 39	80
É fácil passar da mentira ao perjúrio.	80
CAPÍTULO 40	81
Não se pode mentir nem pela salvação eterna de alguém.	81

CAPÍTULO 41	84
Conclusão.	84
CRÉDITOS	87
CONTEÚDO	88